

POR QUE CREIO
EM DEUS

CORNELIUS
VAN TIL

“O livro *Por que creio em Deus* de Van Til é útil pois emprega o método autobiográfico para demonstrar a veracidade do cristianismo, especialmente em oposição ao *Por que não creio em Deus* de Bertrand Russell. Esta nova tradução será útil para introduzir os leitores a essa apologética profunda enraizada em pressuposições. Recomendo!”

— David Naugle

Autor de *Cosmovisão: A História de um Conceito*

“A teologia moderna criou a seguinte atitude na igreja: ‘Tudo diz respeito a mim’. Van Til nos lembra de que na realidade tudo diz respeito à glória de Deus e sua graça.”

— Mark R. Rushdoony

Presidente da *Chalcedon Foundation*

“Este livro de Van Til talvez seja a melhor introdução breve ao seu pensamento.”

— P. Andrew Sandlin

Coautor de *Infalibilidade e Interpretação*

“Você deseja uma pequena joia que explique e ilustre a apologética pressuposicional? Então leia o pequeno panfleto de Cornelius Van Til intitulado *Por que creio em Deus*. Ele não é chamativo no estilo, nem é complexo no conteúdo. Mas é devastador.”

— Greg L. Bahnsen

Autor de *Van Til's Apologetic: Readings and Analysis*

“Neste livreto, um instrumento para evangelização digno de seu autor, Van Til sucintamente estabelece toda a sua filosofia em termos simples, mas profundos.”

— William Edgar

Professor de Apologética, *Westminster Theological Seminary*

Por que creio em Deus

Cornelius Van Til

Copyright © 1948 Cornelius Van Til

Título do original

Why I Believe in God

edição publicada pela GREAT COMMISSION PUBLICATION
(Philadelphia, Pennsylvania, EUA)

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por EDITORA MONERGISMO
Caixa Postal 2416

Brasília, DF, Brasil - CEP 70.842-970

Telefone: (61) 8116-7481 - Sítio: www.editoramonergismo.com.br 1ª edição, 2012

1000 exemplares

Tradução: Wadislau Martins Gomes

Revisão: Cynira Amaral Costa Alvin, Felipe Sabino de Araújo Neto e Rogério Portella

Capa: Raniere Maciel Menezes ■

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
versão *Nova Versão Internacional* (NVI),
© 2001, publicada pela Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Van Til, Cornelius Por que creio em Deus / Cornelius Van Til, tradução
Wadislau Martins Gomes – Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

1??p.; 21cm.

ISBN 978-85-62478-62-8

1. Apologética 2. Teologia Reformada 3. Bíblia CDD 230

Sumário

Apresentação da edição em português

Prefácio à edição brasileira

“Deus existe?”

“Fui condicionado a crer em Deus?”

O “acidente de nascimento”

Infância

Os primeiros estudos

Mais estudos

Objeções levantadas

Van Til, o evangelista

Apresentação da edição em português

A edição em inglês explica que o presente trabalho é um diálogo com um não cristão imaginário, conduzido com um toque do testemunho pessoal de um acadêmico que, por meio de seus escritos e de seus alunos, mudou o padrão da defesa da fé em nossos tempos.

O dr. Cornelius Van Til não pretende vencer uma discussão, mas, sim, permitir um diálogo franco, investigativo, respeitoso e amigo, e sumamente inteligente, que lance luz sobre a verdade. Seu intento é o de abrir as portas do coração, tanto seu quanto o do interlocutor, para que transpareça a luz da revelação de Deus e ambos, na totalidade do ser, sejam convencidos.

Quando li este trabalho pela primeira vez, achei nele articulações de respostas a questões levantadas em alguns dos livros que também andei lendo.

Um dos exemplos vem da obra mais popular de Stephen Hawking, *A Brief History of Time* (New York: Bantam, 1998), na qual, introduzindo o tema do tempo, conclui que o universo em expansão não exclui um criador, mas limita a maneira como ele deve ter operado (p. 9). Adiante, diz possível até haver quem creia que Deus criou o universo, mas que, se o fez, não interfere mais nele (p. 122). O prefaciador do livro, Carl Sagan, diz: “Este é um livro sobre Deus [...] ou, talvez, sobre a ausência de Deus”.

Outro exemplo é do jornalista científico John Horgan. Em *O fim da ciência* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996), comentando um trabalho do físico Paul Davies (*The Mind of God*, New York: Simons and Shuster, 1992), diz que teve com ele a sua primeira experiência mística: compreendeu que nada havia no mundo senão ele mesmo; não havia passado nem presente nem futuro, mas só o que ele imaginasse. Saiu do pesadelo com a ideia de temer a própria divindade. Sua perspectiva de Deus é a de um deus existente em um processo de atualização (p. 319-330).

Outro é o de Roger Penrose que, em *The Emperor's New Mind* (Oxford: Oxford, 1989), diz, ironicamente: "... a fim de produzir um universo como o nosso, um criador deveria ter visado um volume mais tênue de espaço de fases" (p. 340).

E outro exemplo ainda é o de Albert Einstein, em *Como vejo o mundo* (São Paulo: Círculo do Livro, 1953). Ele via na Escritura judaica (o Antigo Testamento cristão) apenas uma obra de cunho moral, sem a presença de Deus (p. 20), a quem se referia como uma necessidade sociopsicológica do homem. Deus, se existisse, seria à moda do panteísmo de Spinoza (p. 209).

Michael Polanyi, em sua palestra na British Association for the Advancement of Science, em 1945, concluiu que a experiência objetiva não pode forçar uma decisão entre a interpretação mágica e a interpretação naturalista da vida diária, ou entre a interpretação científica e a interpretação teológica da natureza. Pode, sim, favorecer uma

ou outra, mas a decisão a favor que qualquer delas só pode ser feita por um processo de julgamento em que formas alternativas de satisfação mental são pesadas na balança. Entre esses pesos estão os afetos do coração e a questão moral da existência de Deus (*Science, Faith and Society*, Chicago: University of Chicago, 1964).

Imaginei todos estes, e muitos mais, como possíveis participantes do diálogo proposto por Van Til. Era exatamente o que eu procurava para oferecer a meus amigos que, neste início de milênio, vivem em uma cultura cujo pensamento vai do racionalismo ao misticismo com a velocidade das transformações motivadas pelo progresso da ciência, e cujo coração ainda se pergunta: o que existe aí?

Com certeza, você apreciará a leitura.

Cornelius Van Til nasceu na Holanda, em 1895. Cresceu em Indiana (EUA), em uma fazenda, entre imigrantes holandeses. Graduou-se pelo Calvin College e pelo Princeton Theological Seminary. Recebeu o título de Doutor em Filosofia (Ph.D.) da Princeton University. Lecionou no Princeton Seminary e no Westminster Seminary (do qual foi fundador e professor por mais de 40 anos).

Wadislau Martins Gomes

Prefácio à edição brasileira

Você deseja uma pequena joia que explique e ilustre a apologética pressuposicional?[1] Então leia o pequeno panfleto de Cornelius Van Til intitulado *Por que creio em Deus*. [2] Ele não é chamativo no estilo, nem é complexo no conteúdo. Mas é devastador.

O panfleto possui menos de vinte páginas[3] e foi escrito em um estilo fácil de conversação. Ali está Van Til “conversando” com o leitor em um diálogo imaginário sobre a crença em Deus — comparando sua vida com a experiência e educação hipotética do leitor, respondendo às objeções e sempre voltando à natureza fundamental da disputa em si.

Não há vocabulário intimidante aqui. Nenhuma percepção científica difícil. Nenhuma série de premissas e inferências complicadas. Na verdade, o argumento está presente com tal sutileza que alguns leitores iniciantes podem se perguntar se sequer há um argumento ali.

Mas há. E é profundo. O que o panfleto faz é ilustrar o método “transcendental”[4] de defender a fé — sem precisar chamá-lo assim ou utilizar outro jargão filosófico. Aqui temos uma das mentes mais brilhantes do século XX explicando a prova mais profunda do teísmo cristão — em termos que todos nós podemos entender! (Eu gosto de chamá-lo de “argumentação transcendental para qualquer um”).

Em um período posterior de sua vida, Van Til produziu o livreto *Toward a Reformed Apologetics* [*Rumo à apologética reformada*] para indicar o objetivo principal que

o motivou a escrever os vários livros, apostilas e panfletos publicados em sua carreira. A primeira publicação que ele lista ali é o panfleto *Por que creio em Deus*. Aqui está seu breve resumo da ênfase central desse escrito: “Fui educado tendo a Bíblia como a Palavra de Deus. Posso eu, agora que estou na universidade, ainda acreditar no Deus da Bíblia? Bem, posso eu ainda acreditar no sol que apareceu sobre mim quando caminhava em calçados de madeira em Groningen, nos meus tempos de garoto? Não poderia mais acreditar em coisa alguma do passado se não acreditasse nesse Deus”.

Essa é a forma peculiar de Van Til expressar a verdade penetrante declarada pelo salmista Davi sobre o Deus vivo e verdadeiro: “Graças à tua luz, vemos a luz” (Sl 36.9).

Van Til continua o resumo: “Posso eu enxergar as vigas debaixo do piso sobre o qual caminho? Tenho de presumir ou pressupor que as vigas estão debaixo dele. Se elas não estivessem ali, eu não poderia andar sobre o piso”.

Quando defendemos a fé dos que se opõem a ela, devemos sempre salientar, como Van Til faz com seu oponente imaginário em *Por que creio em Deus*: “Apresentando-me todos os fatos e razões, você presumiu que esse Deus [o Controlador todo-consciente e todo-condicionador de todos os fatos] não existe. Presumiu que não precisaria de nenhum posicionamento além de si mesmo”. Isto é, os incrédulos argumentam de forma a assumir o deveriam provar (que este Deus não existe) e de um modo que assume cegamente que eles são autônomos em sentido intelectual.

Em *Por que creio em Deus* Van Til escreve: “O verdadeiro arrazoado sobre Deus há de colocá-lo no único lugar que confere significado a qualquer tipo de argumento humano”. O incrédulo não pode reunir a ordem (unidade) e a mudança (diversidade) em seu raciocínio ou na sua visão da realidade. “Daí se conclui”, diz Van Til, “que sua experiência se tornou sem sentido”.

Por causa disso, argumentos contra Deus são autodestrutivos. “A menos que eu o tenha como o todo-condicionador, a vida será um caos.” O raciocínio em si (seja contra Deus ou a favor dele) pressupõe Deus a fim de ser inteligível. Assim, Van Til conclui: “A menos que você creia em Deus, não poderá crer logicamente em mais nada”.

Dr. Greg L. Bahnsen

“Deus existe?”

Você já deve ter observado que cientistas e filósofos, em anos recentes, têm muito a dizer sobre religião e Deus. Cientistas como o dr. James Jeans e sir Arthur Eddington estão prontos a admitir que pode haver algo na alegação de homens que dizem ter tido uma experiência com Deus. Dr. Cyril E. M. Joad, um filósofo, escreve que a “obstrutividade do mal” o tem constrangido a considerar o argumento da existência de Deus.

Você também já se perguntou se a morte realmente encerra tudo? Lembra-se de como Sócrates, o grande filósofo grego, lidou com esse problema no dia anterior ao que bebeu o cálice de cicuta? Existe qualquer verdade — você se pergunta — na ideia de um julgamento após a morte? Estou bem certo — pergunta-se ainda — de que não haja? Como posso saber que não existe um Deus?

Resumindo, como pessoa inteligente, com um senso de responsabilidade, você se questiona sobre a formação de seus pensamentos e ações.[\[5\]](#) Tem considerado, ou pelo menos demonstrado interesse por aquilo que os filósofos chamam de teoria da realidade. Está, portanto, suficientemente disposto a ouvir minhas razões para crer em Deus.

“Fui condicionado a crer em Deus?”

Iniciemos comparando notas de nosso passado. O debate com respeito à hereditariedade e ao ambiente é proeminente hoje em dia. Talvez você pense que a minha única razão verdadeira para crer em Deus seja o fato de que isso me tenha sido ensinado cedo na vida. É claro que não penso assim. Não nego que eu tenha sido ensinado a crer em Deus quando criança, mas afirmo que, uma vez crescido, tenho ouvido um bom tanto de argumentos contra a crença em Deus. Agora, de fato, sinto que toda a história da civilização seria incompreensível para mim, se não fosse pela crença em Deus.

Isso é tão verdadeiro para mim que me proponho a argumentar: a menos que Deus esteja por trás de todas as coisas, você não poderá encontrar significado em nada. Não posso sequer argumentar a favor da crença nele sem já havê-la tomado como certo.[\[6\]](#) E, igualmente, afirmo que você não pode argumentar contra a existência de Deus a menos que também já a tenha tomado como certa.[\[7\]](#)

Argumentar sobre a existência de Deus, eu creio, é como argumentar sobre o ar. Você pode afirmar que o ar existe ou que não existe. Contudo, enquanto o debatemos, estamos ambos, todo o tempo, respirando. Deus é como o suporte em que repousam as armas que devem atirar nele mesmo a fim de colocá-lo fora de existência.

Entretanto, se depois de ouvir minha breve história, você ainda preferir pensar que se trata somente de hereditariedade e de ambiente, não me empenharei tanto em discordar de você.

Meu argumento é que há perfeita harmonia entre minha crença em Deus quando menino e minha crença, agora, quando homem feito, simplesmente pelo fato de Deus ser o ambiente norteador da minha vida, que mais tarde se fez inteligível a mim.[\[8\]](#)

O “acidente de nascimento”

Não raro, dizem-nos que grande parte de nossa vida depende de um “acidente de nascimento”. Nasci na Holanda — em uma pequena casa com um celeiro ao lado. Você, talvez, tenha nascido em uma casa comum da cidade ou em uma rica mansão. Assumamos que você tenha nascido em um moderno hospital de uma grande capital do Ocidente.

Seria isso tão importante para nosso propósito? Sim, no sentido de que ambos nascemos em uma “civilização cristã”. Assim, podemos limitar nossa discussão sobre o “Deus do cristianismo”. Eu creio nesse Deus. Você não crê ou, pelo menos, não tem certeza disso. Este limite oferece um ponto de partida para nossa discussão. Certamente, não haverá sentido em falar sobre a existência de Deus sem saber de que espécie é esse Deus que pode ou não existir.

Já ganhamos algum terreno. Pelo menos temos uma ideia geral sobre o tipo de Deus do qual faremos o objeto de nossa conversa.[\[9\]](#) Se pudermos, agora, chegar à igual concordância quanto ao padrão ou teste que usaremos para provar ou não sua existência, poderemos prosseguir.

Você, é claro, não espera que eu traga Deus aqui à nossa frente para que possa vê-lo. Se eu fosse capaz de fazer isso, ele não seria o Deus do cristianismo. Tudo o que você pode esperar de mim é que eu torne razoável para você a crença em Deus. Gostaria de responder rapidamente que é

isso, o que estou tentando fazer de forma exata. Contudo, um súbito pensamento faz-me hesitar. Se você de fato não acredita em Deus, não acredita, também, que você mesmo seja uma de suas criaturas. Eu, por minha vez, que creio em Deus, creio que você também seja uma de suas criaturas. E, com certeza, é razoável, para uma criatura de Deus, crer nele. Assim, só posso me incumbir de mostrar que, mesmo que não lhe pareça, a crença em Deus é razoável para você também.[\[10\]](#)

Vejo que você está ficando animado. Você se sente um pouco como o homem prestes a sofrer uma grande operação. Você percebe que se há de alterar sua crença sobre Deus, você também terá de mudar sua crença sobre si mesmo.[\[11\]](#) E você não está completamente pronto para isso. Bem, você pode desistir se desejar. Com certeza não quero ser indelicado. Eu só pensei que, como alguém inteligente, você estaria disposto a ouvir o “outro lado” da questão. Afinal, não estou pedindo para você concordar com o que digo. Nós realmente não concordamos com o que entendemos por Deus mais do que de uma maneira geral e formal. Assim não precisamos neste momento concordar sobre o padrão ou teste além de uma maneira geral ou formal. Você pode acompanhar meu argumento, apenas por causa do argumento.[\[12\]](#)

Infância

Entretanto, retornemos à questão da formação individual. Posso me lembrar de haver brincado, quando criança, em uma caixa de areia construída para mim em um canto do celeiro onde se estocava a palha. Do celeiro eu passava pela cocheira a fim de ir para casa. Armada, também dentro do celeiro, com portas abrindo para a cocheira, havia uma cama destinada a um possível trabalhador. Ah, como eu queria receber a permissão para dormir uma noite naquela cama!

Um dia, a permissão foi concedida. Freud era um nome até então desconhecido para mim, mas eu já havia ouvido falar sobre fantasmas e sobre os “que voltavam da morte”. Naquela noite, ouvi o tinir das sinetas. Sabia que seriam as vacas — elas faziam bastante barulho com seus chocalhos — mas, depois de um tempo, já não estava tão certo de que fossem apenas as vacas. Não haveria alguém andando no corredor por trás do estábulo? E não estaria se aproximando da cama? Eu já havia aprendido a fazer a minha oração da noite. Algumas das palavras eram mais ou menos assim: “Senhor, converta-me para que eu possa ser convertido”. Que desatenção ao paradoxo! Orei nessa noite como nunca havia feito antes.

Não me recordo de haver falado com meu pai nem com minha mãe sobre meus sofrimentos. Eles teriam sido

incapazes de prover um remédio moderno. *Psychology Today* [*Psicologia Hoje*][\[13\]](#) não chegava à sua escrivaninha — nem mesmo o *Ladies' Home Journal* [*Revista do Lar Feminino*]. [\[14\]](#) Ainda assim, eu sabia o que iriam dizer. É claro que não eram fantasmas, e com certeza eu não deveria estar com medo, pois pertencia de corpo e alma a meu Salvador pessoal que morreu na cruz por mim e ressuscitou para que eu fosse salvo do inferno para o céu! Eu deveria orar, com sinceridade, e instar com o Espírito Santo que me desse um novo coração, a fim de que eu pudesse amar de verdade a Deus em vez de amar o pecado e a mim mesmo.

Como sei que diriam isto? Bem, esse era o tipo de coisa que eles falavam de vez em quando. Ou melhor, esse era o tipo de coisa que constituía a atmosfera de nosso dia a dia. Não éramos, de forma alguma, uma família pietista. Não havia grandes arroubos emocionais de que me recorde. O ambiente dizia mais respeito a enrolar o feno no verão e com das vacas e de ovelhas no inverno, mas em torno disso tudo, havia uma profunda atmosfera de condicionamento. Ainda que não houvesse chuvas tropicais de avivamento, a umidade relativa era sempre alta. Em cada refeição, a família inteira estava presente. Havia a oração final, como a inicial, em toda refeição, e lia-se um capítulo da Bíblia a cada vez. A Bíblia era lida de Gênesis a Apocalipse. No desjejum ou no jantar, ouvíamos o Novo Testamento, ou dos “descendentes de Gade segundo os seus clãs foram: de Zefom [...] de Hagi [...] de Suni [...] de Ozni [...] de Eri...”.

Não digo que tenha entendido sempre o significado de

todas essas coisas. Mas do efeito total não se pode duvidar. A Bíblia tornou-se para mim, cada parte, cada sílaba, a verdadeira Palavra de Deus. Aprendi que devo acreditar na história da Escritura e que a “fé” é um dom de Deus. O que havia acontecido no passado e, em especial, o que havia ocorrido na Palestina, estava, para mim, entre os maiores momentos. Resumindo, cresci em um meio que o dr. Joad chamaria de “paroquianismo topográfico e temporal”. Fui “condicionado” na forma mais abrangente do termo. Não posso evitar a crença em Deus — no Deus do cristianismo —, no Deus da Bíblia![\[15\]](#)

Sua infância talvez não tenha sido tão restrita. Seus pais, presumo, eram mais esclarecidos em suas visões religiosas. Devem ter lido para você da bíblia da natureza em vez de a Bíblia de Israel. “Não”, você dirá, “não fizeram isso comigo”. Não queriam preocupá-lo com religião em tão tenra idade. Procuraram cultivar uma mente aberta no seu filho.

Diremos, então, que eu, na minha primeira idade, fui condicionado a crer em Deus, enquanto que você foi deixado livre para desenvolver seu julgamento como quisesse. Dificilmente, porém, isso teria acontecido. Sabemos que toda criança é condicionada pelo ambiente. Parece, portanto, que você também foi condicionado de forma absoluta a *não* crer em Deus como eu a crer nele.[\[16\]](#) Assim, sem ofensa mútua, concordemos que a crença me foi enfiada goela abaixo tanto quanto a descrença foi lhe empurrada pela garganta. Isto nos preparará para o nosso argumento.

Os primeiros estudos

Ao argumento devemos agora nos voltar com rapidez. Apenas outra palavra, no entanto, sobre minha escolaridade. Isso vai trazer todos os fatores para a figura.

Eu não tinha ainda cinco anos quando alguém — felizmente não me lembro de quem foi —, levou-me para a escola. No primeiro dia, fui vacinado e isso doeu. Ainda posso senti-lo. Muito antes, porém, de ir à escola, fui à igreja. Lembro-me disso, definitivamente, porque em algumas dessas vezes usava meus sapatos de couro polido. Na verdade, fui à igreja muito antes de ir a qualquer outro lugar, pois fui levado quando ainda bebê para ser batizado. Uma fórmula foi pronunciada sobre mim no momento do meu batismo, esta, solenemente, afirmava que eu havia nascido em pecado — significando que meus pais, como todas as pessoas, haviam herdado o pecado de Adão, o primeiro homem e o representante de toda a raça humana. Esta fórmula afirmava, também, que, ainda que eu fosse irremediavelmente condicionado pelo pecado, era, como filho da promessa, redimido em Cristo. Na cerimônia, meus pais prometeram de modo solene que, tão logo eu pudesse entender, eu seria instruído em todas estas coisas pelos meios de que dispusessem.

Foi para cumprir o voto que eles me enviaram a uma escola cristã. Nela aprendi que minha salvação do pecado e o

fato de pertencer a Deus fizeram diferença em tudo o que conheci ou fiz. Vi o poder de Deus na natureza e sua providência no curso da história. Isso forneceu o cenário apropriado para minha salvação em Cristo.

Resumindo, a visão larga do mundo que se abriu diante de mim, na minha formação acadêmica, foi vista como que operando em cada aspecto sob a direção do todo-poderoso e todo-sábio Deus, de quem eu era filho por meio de Cristo. Eu deveria aprender a pensar os pensamentos de Deus, segundo Deus, em cada área de ação.[\[17\]](#)

Naturalmente, havia brigas no terreno da escola e eu estive metido em algumas delas — não todas. Tamancos holandeses de madeira eram armas maravilhosas para propósitos defensivos. Havia sempre preleções dos mestres e pais sobre o pecado e o mal nas coisas relacionadas às nossas façanhas marciais. Era esse, especificamente, o caso, quando um regimento dos nossos saía para a batalha contra os alunos da escola pública. As crianças da escola pública não gostavam de nós. Reservavam-nos um extenso vocabulário de impropérios. Afinal, quem pensávamos ser? Éramos os melhores dentre os bons — bons demais para a escola pública? “Aqui está! Tome isto, e ainda, por cima, goste!”, nós respondíamos em coro. Enquanto isso, nosso sentimento de distinção crescia aos saltos. Diziam-nos, à noite, que deveríamos suportar com simpatia a ridicularização do “mundo”. Não havia o mundo odiado a igreja desde os tempos de Caim?

Suponho que sua escola primária tenha sido um pouco

diferente. Você frequentou uma escola neutra. Como seus pais haviam feito em casa assim seus professores também fizeram na escola. Quiseram proporcionar-lhe uma “mente aberta”. Deus não foi considerado em conexão com seus estudos naturais ou de história. Treinaram-no sem preconceitos ao longo do curso.

É claro que, por causa desse preparo, hoje você julga compreender muito as coisas. Está certo de que toda esta conversa sobre religião é coisa puramente imaginária. Ora, ser não preconceituoso implica ter esse tipo especial de preconceito. A ideia da “neutralidade” embutida nesse não preconceito é apenas uma roupagem sem cor que cobre a atitude negativa contra Deus. Por isso, deve, pelo menos, ficar claro entre nós que quem não é a favor de Deus, é contra ele.

Você percebe? O Deus do cristianismo faz alegações prodigiosas. Diz que o mundo todo lhe pertence e que você, sendo uma de suas criaturas, deve assumir esse fato honrando-o no comer, no beber, ou fazendo qualquer outra coisa. Deus diz que você vive nas terras dele. E suas terras têm enormes placas de propriedade postadas por todo o lado, de modo que todos os que passam até cem quilômetros de distância não podem deixar de ler. Cada fato neste mundo — reivindica o Deus da Bíblia — traz gravado em si sua estampa. Como poderia, então, haver neutralidade com respeito a Deus?[\[18\]](#) Poderia você, como cidadão estadunidense, em um passeio no “Lincoln Memorial” [Memorial de Lincoln], em Washington, em meio à multidão reunida em um 4 de Julho, perguntar se o monumento pertence a alguém? E ao avistar a

“Old Glory” [Glória Antiga] ali hasteada demandar se ela significa alguma coisa? Você mereceria o destino de ser “apátrida” se, como norte-americano, fosse neutro em relação à sua terra.[\[19\]](#)

Assim, em sentido mais profundo, se você não tiver Deus e não o glorificar como Deus, igualmente merecerá viver sem ele. Você não pode ousar manipular o mundo de Deus para obter seus propósitos — quanto menos a você mesmo, como portador de sua imagem. Eva, no jardim no Éden, ao tornar-se neutra na questão entre Deus e o diabo, pesando as argumentações de cada um como se fossem iguais em valor, já tomava o lado do diabo!

Percebo que você se perturba com este ponto de nossa conversa. Ainda mantém a mente aberta e neutra, não é? Aprendeu a pensar que toda hipótese, como teoria de vida, tem o mesmo direito de ser ouvida como qualquer outra, não é? Contudo, apenas peço sua observação no que está envolvido na concepção cristã de Deus. E isto já o perturba.

Se o Deus do cristianismo existe, a evidência de sua existência deve ser tão abundante e clara, a ponto de ser pecaminoso e não científico não crer nele.[\[20\]](#) Quando, por exemplo, o dr. Joad diz: “A evidência de Deus está longe de ser tomada como certa”, pois, se fosse certa, todo o mundo creria nele, ele está só começando a questão.

O Deus do cristianismo existe e a evidência disso é clara. E a razão de *todo o mundo* não crer nele é que o mundo todo está cego por causa do pecado.[\[21\]](#) *Todo o mundo* usa óculos escuros.

Você deve ter ouvido a história do vale dos cegos. Um moço, que estava caçando, caiu em um precipício e foi parar no vale dos cegos. Não houve como escapar. Os cegos não o entenderam quando falou sobre ver o sol e sobre as cores do arco-íris. Uma bonita moça, porém, entendeu por fim a linguagem do amor. O pai da moça jamais consentiria no casamento da filha com o lunático que falava com tanta frequência de coisas que não existiam. Entretanto, um psicólogo da universidade do vale dos cegos ofereceu-se para curar a loucura costurando-lhe as pálpebras. Assim, assegurou o psicólogo, ele seria normal, como *todo o mundo*.[\[22\]](#) O moço, porém, prosseguiu dizendo que ele via o sol de verdade.

Assim, enquanto tomamos nosso chá, minha proposta é operar não só no seu coração e transformar sua vontade, mas abrir seus olhos para mudar a percepção que você tem do exterior. Não! Espere um pouco. Não proponho operar qualquer coisa. Não posso nem consigo fazer isso. Posso apenas sugerir que você, talvez, esteja morto ou cego; vou deixá-lo pensar por si mesmo. Se alguma operação precisa ser feita, deverá ser feita pelo próprio Deus.

Mais estudos

Por enquanto, vamos terminando nossa breve história. Aos dez anos fui para os EUA e, alguns anos mais tarde, decidi-me pelo ministério da pregação da Palavra de Deus. Isso envolveu um treinamento preliminar em uma escola cristã preparatória e em uma faculdade.

Todos os meus professores tinham o propósito comum de ensinar suas matérias do ponto de vista cristão. Imagine: ensinar não apenas religião, mas álgebra, do ponto de vista cristão! Isso foi feito. Ensinavam-nos que todos os fatos e suas relações, numéricas e outras, são o que são por causa do plano todo-abrangente de Deus a respeito deles.[\[23\]](#) Assim, a própria definição das coisas não seria só incompleta, mas basicamente errada, se Deus fosse deixado fora do quadro.

Não éramos informados por outras visões? Não ouvíamos falar de Immanuel Kant, o grande filósofo moderno que conclusivamente demonstrou que todos os argumentos que defendem a existência de Deus eram inválidos? Oh sim, nós estudamos tudo isso, mas havia refutações a essas refutações que me pareceram mais adequadas ao caso.[\[24\]](#)

Nas escolas de pós-graduação em que estudei, Calvin College e Princeton Seminary (antes de seu realinhamento com o semimodernismo, em 1929), a situação foi a mesma. Por exemplo, o dr. Robert Dick Wilson costumava dizer,

apresentando documentos (tanto quanto podíamos entender as línguas), que a “Alta Crítica” nada havia feito que pudesse danificar nossa fé, “como de criança”, no Antigo Testamento como Palavra de Deus. De modo igual, o dr. Gresham Machen e outros faziam bons arrazoados dizendo que o cristianismo do Novo Testamento é intelectualmente defensável e que a Bíblia está correta em suas afirmações. Você poderá julgar os argumentos desses homens lendo suas obras.

Em resumo, ouvi, vezes seguidas, o relato do cristianismo histórico, e a doutrina de Deus sobre a qual ele é construído, analisado sob todos os ângulos por pessoas que criam nele e que estavam, assim, mais bem preparadas para interpretar seu significado.

Espero que toda a história até aqui tenha sido de ajuda para deixar uma questão bem simples e certa: você sabe, de maneira muito clara agora, de que tipo de Deus eu falo.[\[25\]](#)

Se meu Deus existe, ele estava por trás dos meus pais e dos meus mestres. Ele condicionava tudo o que condicionou minha vida inteira. E foi ele, também, quem condicionou tudo o que condicionou você e sua vida, desde a infância: Deus, o Deus do cristianismo, o Deus de todo condicionamento.

Como o todo-condicionador, Deus é o todo-consciente. O Deus que está no controle de todas as coisas, tem de controlá-las necessariamente “segundo o conselho da sua vontade”. Se não o fizesse, ele próprio seria condicionado por essas mesmas coisas. Portanto, reafirmo que a minha crença nele e a sua descrença nele são igualmente sem significado, exceto por causa dele mesmo.

Objecções levantadas

A esta altura você provavelmente deve estar se perguntando se eu atentei de fato às objeções levantadas contra minha crença em Deus. Sim. Como já disse, eu as ouvi de professores que procuravam respondê-las.

Enquanto estudava em Princeton, frequentei alguns cursos de verão no Chicago Divinity School. Naturalmente, ouvi a visão moderna ou liberal das Escrituras, totalmente acatada ali. E, depois da graduação do seminário, investi dois anos de estudo na Princeton University para meu trabalho de doutorado em filosofia. Ali, as teorias da filosofia moderna eram expostas e defendidas por homens muito capacitados. Assim, apresentaram-me declarações completas de suas razões para a descrença, enquanto permaneci com minhas razões para crer. Escutei ambos os lados da boca de pessoas que criam saber o que ensinavam.

Agora, você me constrange a dizer essas coisas. Percebo que você não consegue entender como qualquer pessoa que tenha conhecido os fatos e argumentos apresentados pela moderna ciência e pela filosofia, possa crer em um Deus que na realidade tenha criado o mundo, que dirija de fato todas as coisas no mundo, mediante um plano e um propósito. Bem, sou apenas um dos muitos que mantêm a velha fé em face do que é dito pela ciência moderna, pela filosofia moderna e pela crítica moderna da Escritura.

Obviamente, não posso entrar na discussão de todos os fatos e razões levantados contra a crença em Deus. Há quem tenha feito do Antigo Testamento, como do Novo Testamento, objetos de estudo de toda a vida. Em seus trabalhos você poderá encontrar tratados detalhados das refutações dos pontos da crítica contra a Bíblia. Outros se especializaram em física e biologia. Devo remeter você às obras deles para maior apreciação dos muitos pontos relacionados a temas como a evolução.[\[26\]](#) Há, contudo, algo que subjaz a toda essa discussão, e é com isso que eu quero lidar agora.

Você deve pensar que estou me expondo de modo terrível. Em vez de falar de Deus como algo vago e indefinido — como fazem os que não acreditam na realidade da fé e os místicos, um Deus tão vazio de conteúdo e distante da experiência, a ponto de não requerer nada dos homens — coloquei a ideia de um Deus utilizando uma ciência “antiquada” e uma lógica “contraditória”.

Parece que acumulei insulto sobre a injúria apresentando o tipo mais objetável de Deus que pude achar. Deve ser muito fácil para você estourar minha bolha de sabão. Vejo que está pronto a me apresentar os fatos dos textos-padrões das escolas, sobre física, biologia, antropologia e psicologia, e esmagar-me com seu tanque de sessenta toneladas do famoso livro de Kant, *Crítica da razão pura*. Contudo, já estive sob essa ducha quente muitas vezes e, antes que você se abale para abrir a torneira dessas objeções, há um ponto preliminar que gostaria de trazer à baila. Na

verdade, já mencionei o assunto quando discutíamos a questão dos padrões ou testes.

O ponto é este: não crendo em Deus, como já vimos que você não crê, você também não se percebe como criatura dele nem considera que o universo tenha sido criado por ele. Pensa que o mundo e você mesmo sempre estiveram aí. Agora, se você for realmente uma criatura de Deus, então sua atitude atual é muito injusta para com ele. No caso, isso é até mesmo um insulto! E, havendo insultado a Deus, repousa sobre você o desagrado dele. Deus e você “não estão se falando”. Assim, você tem boas razões para tentar provar que ele não existe. Mas, se ele existir, você será culpado por havê-lo ignorado. Seus óculos coloridos determinam tudo o que você diz sobre os fatos e as razões que apresenta para não crer nele. É como se você entrasse nos domínios de Deus, fizesse seu piquenique ali e caçasse na sua propriedade sem permissão. Seria o mesmo que apanhar uvas da vinha de Deus sem pagar por elas e insultar os representantes dele que lhe vieram cobrar.[\[27\]](#)

Devo desculpar-me outra vez. Nós, que cremos em Deus, nem sempre deixamos uma coisa clara. Com muita frequência, falamos às pessoas sobre fatos e razões puras como se concordássemos com sua realidade. Nos argumentos a favor da existência de Deus, assumimos que nós e você, que não crê em Deus, temos uma área de concordância sobre o conhecimento. Entretanto, nós, cristãos, não admitimos que você possa enxergar qualquer fato, em qualquer dimensão da vida, como ele verdadeiramente é. Cremos, sim, que as

pessoas que não creem em Deus não são realistas tanto ao falar de galinhas e vacas quanto ao falar da vida após a morte. Deveríamos ser mais claros do que temos sido. É que receávamos que isso soasse como uma posição estranha e extrema. Estávamos tão ansiosos para não ofender as pessoas que acabamos ofendendo nosso Deus.[\[28\]](#) Não ousaremos mais, porém, apresentar nosso Deus menor ou menos exato do que ele realmente é. Ele quer ser apresentado como o todo-condicionador — como a posição contra a qual deve ser confrontado até quem o nega.[\[29\]](#)

Agora, apresentando-me todos os fatos e razões, você presumiu que esse Deus não existe. Presumiu que não precisaria de nenhum posicionamento além de si mesmo. Assumiu a autonomia da própria experiência. Consequentemente, está incapacitado — e indisposto — a aceitar como fato qualquer outro que desafie sua autossuficiência. Está determinado a chamar de contraditório tudo o que não esteja ao alcance de seus poderes intelectuais.

Lembra-se do velho Procusto da lenda?[\[30\]](#) Se seus visitantes fossem mais compridos, cortaria um pedaço de cada extremidade; se fossem muito curtos, usaria um alongador para aumentá-los e, assim os faria caber no seu leito de ferro. Sinto que é esse o tipo de coisa que você tem feito com os fatos da experiência humana. Estou lhe pedindo que seja judicioso acerca das próprias pressuposições básicas.[\[31\]](#) Será que você se dispõe a ir aos alicerces das suas experiências para examinar o que coletou enquanto se ocupava, aqui e ali, do exame superficial da vida? Você se surpreenderia muito

com o que iria encontrar.

Para ser mais claro, ilustrarei o que disse mostrando como os filósofos e cientistas modernos manipulam os fatos e as doutrinas do cristianismo.

Algo básico e comum a todos os fatos e todas as doutrinas do cristianismo e que está, portanto, envolvido na crença em Deus, é a doutrina da criação. Filósofos e cientistas modernos, em geral, dizem que se ater a essa doutrina, ou crer nesse fato, significa negar a própria experiência. Dizem isso não apenas no sentido de que ninguém esteve lá para constatar, mas de que seja logicamente impossível a realidade da criação. Afirmam que isso violaria as leis fundamentais da lógica.

O presente argumento contra a doutrina da criação deriva-se de Kant e pode ser mais bem expresso nas palavras de um filósofo mais recente, James Ward: “Se tentarmos conceber Deus à parte do mundo, nada há que nos leve à criação” (*Realm of Ends*, Cambridge, 1911, p. 379).

Ele quer dizer com isso que, se Deus estiver conectado ao universo, ele deve estar sujeito às suas condições. A velha doutrina da criação diz que Deus foi a causa da existência do mundo. O que, porém, queremos dizer com a palavra *causa*? Em nossa experiência, ela significa o que é correlato ao termo efeito. Se há um efeito, então deve haver uma causa e, se há uma causa, deve haver um efeito. Se Deus causou o mundo, deve ter sido porque não poderia evitar a produção de um efeito. Desse modo, o efeito pode ser chamado a causa da causa. Nossa experiência, portanto, concluiria Ward, só pode

admitir um Deus tão dependente do mundo quanto o mundo dependente dele.

O Deus do cristianismo, contudo, não pode ser circunscrito a esses requisitos do homem autônomo. Ele se diz todo-suficiente. Afirmar que criou o mundo não por necessidade, mas por sua livre vontade. Declara que não mudou nada em si mesmo quando criou todas as coisas. Assim, sua existência tem de ser considerada impossível pelos cientistas e filósofos, e a doutrina da criação vista como absurdo.

A doutrina da providência é tida também como uma variante da experiência. Isso é muito natural. Quem rejeita a criação tem de rejeitar também a providência de Deus. Se, de fato, todas as coisas são controladas pela providência divina, como nos foi dito, nada pode haver de novo no mundo, e a história nada mais é que um teatro de marionetes.

Você pede, então, que eu lhe apresente um bom número de fatos que provem a existência de Deus. Minha resposta é que todo efeito precisa de uma causa. Assim, posso apresentar-lhe a maravilhosa estrutura do olho, como evidência do propósito de Deus na natureza, ou lhe apresentar a história da humanidade para mostrar que foi dirigida e controlada por Deus, mas essas evidências não o afetariam. Você simplesmente responderia que qualquer coisa que usássemos para explicar a realidade não traria Deus ao contexto. *Causa e propósito*, você continua repetindo, são palavras que nós, seres humanos, usamos a respeito do que nos cerca, só porque parecem agir como nós agimos, mas não

podem ir além disso.[\[32\]](#)

Daí, quando a evidência do próprio cristianismo lhe for apresentada, você fará o mesmo. Se eu demonstrar que as profecias da Escritura têm sido cumpridas, você simplesmente responderá que isso parece natural a mim e a outros, mas que, na verdade, não é possível que uma mente preveja o futuro. Se fosse possível, tudo seria prefixado e a história seria, novamente, sem novidade e sem liberdade.

Se eu falar, então, dos muitos milagres relatados na Escritura, a história será a mesma. Para ilustrar isso, cito o falecido dr. William Adams Brown, o famoso teólogo modernista:

Tome qualquer milagre do passado, a concepção virginal, a ressurreição de Lázaro, a ressurreição de Cristo. Suponha que eu prove que qualquer um desses eventos tenha acontecido. O que você teria? Teria apenas demonstrado que sua visão anterior, a respeito dos limites do que é possível teria de ser alargada; que as antigas generalizações seriam muito estreitas e precisariam de revisão; que problemas, dos quais não tínhamos consciência, sobre a origem da vida e sobre sua renovação, estariam se juntando. O que você não teria demonstrado, porém, e que, na verdade, jamais se poderia demonstrar, é a ocorrência de um milagre; isso seria confessar que essas dificuldades são inerentemente insolúveis e que não podem ser determinadas até que todos os testes tenham sido feitos” (*God at Work*, New York, 1933, p. 169).

É fácil ver com que confiança Brown usa a arma da impossibilidade lógica contra a ideia do milagre. Muitos dos mais antigos críticos da Escritura desafiaram, em um momento ou outro, a evidência do milagre. Procederam como se houvesse uma lenta invasão mar-terra lançada contra a ilha do cristianismo. Já Brown resolve de vez a questão usando

aviões.[\[33\]](#) Qualquer pilha de caixas que reste será varrida depois. Ele quer, em primeiro lugar, obter o rápido controle de todo o campo de batalha. E faz isso aplicando de forma direta a lei da não contradição. Somente é possível, diz Brown, o que for demonstrado estar relacionado de modo lógico às leis da minha lógica.

Assim, se os milagres querem ter *status* científico, isto é, se querem ser reconhecidos como fatos genuínos, deverão vindicar acesso ao porto e alcançar a terra firme da tarefa científica. Essa admissão será concedida assim que os milagres sejam submetidos ao pequeno processo de generalização, o qual os despojará de sua singularidade. Se os milagres querem votar na república da ciência e ter influência nesse ambiente, terão de retirar seus papéis de naturalização.

Tome, agora, os quatro pontos que mencionei: criação, providência, profecia e milagre. Juntos, estes quatro pontos representam a totalidade do teísmo cristão. Incluem tudo o que está contido na ideia de Deus e em tudo o que ele tem feito em todos os lugares e por nós.

Muitas vezes e de muitas maneiras, a evidência dessas quatro coisas tem sido apresentada. Contudo, você tem sempre uma resposta efetiva à mão:[\[34\]](#) “Isso é impossível. Isso é impossível!”. Na verdade, você age como um carteiro que, tendo recebido muitas cartas endereçadas em língua estrangeira, afirma que as entregará assim que seus remetentes as endereçarem em boa língua pátria. Até lá, os destinatários deverão procurá-las na posta-restante.

Esta é uma coisa básica em todas as argumentações

que os filósofos e os cientistas comuns levantam contra qualquer evidência a favor da existência de Deus: a asserção ou a suposição de que a aceitação dessa evidência romperia as regras da sua lógica.

Há um passo mais a ser dado nessa linha de conexões. Você, sem dúvida, em algum ponto da vida, já deve ter ido ao dentista. Um dentista, muitas vezes, tem de perfurar o dente um pouco mais, para atingir o nervo. Agora, antes que eu atinja o nervo desta matéria, preciso trabalhar na área ao redor.

Tem sido desencorajador para nós, cristãos, o fato de que muitas pessoas são postas diante de exposições completas da evidência da existência de Deus e, ainda assim, não creem. Por isso, muitos de nós adotamos medidas desesperadas. Ansiosos para conquistar a boa vontade dos homens, de novo comprometemos Deus.

A coisa é assim: por que os homens não conseguem ver o que lhes apresentamos, damos de mão e admitimos que talvez seja difícil que vejam o que devem ver. Então, com a preocupação de lhe ganhar a alma, permitimos que a evidência da existência de Deus seja, apenas, *provavelmente* convincente. A partir dessa concessão fatal, damos um passo além, descendo ao ponto de admitir, ou de, pelo menos, aceitar na prática, que a existência de Deus nem seja um argumento convincente.[\[35\]](#) Aí, então, caímos no erro de apresentar o testemunho pessoal em vez de mostrar os argumentos da fé. Ele é achado em nosso coração, dizemos. E assim, simplesmente, testificamos aos homens que, estávamos mortos, mas que, agora, vivemos; que, um dia

fomos cegos, mas que, agora, vemos — e abrimos mão de todo o argumento intelectual.

Você acha que Deus aprova essa atitude na vida dos seus seguidores? Não creio que aprove. O Deus que diz ter feito todos os fatos e que colocou seu selo sobre eles não admite desculpa da parte de quem se recusa vê-lo. Se alguém, em Washington, negar que haja uma coisa como “Governo dos EUA”, será que adiantaria levá-lo um pouco abaixo, ao rio Potomac , e passar a testificar sobre sua experiência com a instituição?

Dessa mesma forma, nossa experiência e nosso testemunho de regeneração estariam despidos de significado, não fosse pela verdade objetiva e pelos fatos objetivos que eles pressupõem. O testemunho que não seja argumento também não é testemunho; do mesmo modo, o argumento que não seja testemunho, também não configura argumento.

Isso visto, tratemos do ponto nevrálgico da questão. Vejamos o que um moderno psicólogo da religião, que se posta sobre as mesmas bases do filósofo, fará com nosso testemunho.

A princípio, ele distinguirá os *dados brutos* de suas causas, oferecendo-nos os dados brutos e reservando para si o direito da explicação das causas. O professor James H. Leuba, [36] psicólogo da clínica Bryn Mawr, mantém uma posição típica. Ele diz:

A realidade de certo dado, de uma experiência imediata, no sentido em que o termo é usado aqui, não pode ser jamais impugnada: quando sinto frio ou calor, tristeza ou alegria, desânimo ou confiança, eu estou

com frio, triste, desanimado etc., e todo argumento que tente provar que não sinto frio é, pela natureza do caso, ridículo; uma experiência imediata não pode ser contra-arrazoada e, assim, não pode estar errada.

Isso parece, na superfície, bastante animador. O imigrante espera pronta e rápida admissão no país de aceitação. Entretanto, o porto ainda não foi alcançado. Dr. Leuba continua:

Se, porém, os dados brutos da experiência não estão sujeitos à crítica, as causas a ele atribuídas estão. Se digo que sinto frio por que a janela está aberta, ou que meu estado de exultação se deve às drogas, ou que minha renovada coragem seja por causa de Deus, qualquer dessas afirmações vai além da minha experiência imediata; eu atribuí uma causa a ela, e essa causa pode estar certa ou errada” (*God or Man*, New York, 1933, p. 243).

Assim, o imigrante esperará mais um milhão de anos para ver o porto. Ou seja: se afirmo que, como crente em Deus mediante Cristo, sou nascido de novo pelo Espírito Santo, o psicólogo responderá que esse é um dado bruto da experiência e, como tal, não tem contra-argumentação. “Não negamos isso”, ele dirá, “mas isso nada significa para mim. Se você quiser que signifique algo, deverá atribuir uma causa à sua experiência para que a examinemos. Sua experiência foi causada pelo ópio ou por Deus? Você diz que foi por Deus. Volte a qualquer momento, depois que houver mudado sua mente sobre a causa de nossa discussão. Terei prazer em recebê-lo como cidadão de nosso reino, mas somente depois de você haver retirado seus papéis de imigração!”.

Parece que já chegamos a um bom ponto. Concordamos, já no final, em abrir o jogo quanto à verdade. Se o ofendi, é porque não ousei, mesmo com o interesse de vencer a discussão, ofender meu Deus. E, se não o ofendi, você ainda não ouviu falar do meu Deus.[\[37\]](#) Pois o que você fez de verdade, ao lidar com a evidência da crença em Deus, é postar-se como Deus. Você fez do alcance do seu intelecto o padrão do que é possível ou não. Você determinou na prática que jamais pretende encontrar um fato que aponte para Deus. Fatos, para serem fatos que tenham posturas científicas e filosóficas, têm de ter seu selo de criador e não o de Deus.

É claro que entendo bem que você não pretende criar sequoias e elefantes. O que você afirma, porém, é que Deus não pode ter criado as sequoias e os elefantes. Já ouviu falar de alguém que desejasse ver uma vaca roxa? Bem, você está determinado a jamais ver ou ser um fato criado. Você concorda com sir Arthur Eddington quando ele diz: “O que minha rede não puder pescar não é peixe”.

Não é minha intenção que, uma vez que esteja face a face com essa condição, você mude sua atitude. Não mais que um etíope possa mudar a cor da sua pele ou que o leopardo possa mudar suas manchas. Você alterou tanto sua capacidade de perceber a realidade que não pode se livrar dela.[\[38\]](#) Freud não teve nem uma ponta de visão da insídia do pecado no controle do coração humano. Só o grande Médico, mediante a expiação pelo sangue do seu Filho na cruz e pelo dom do Espírito Santo, pode lhe restaurar a capacidade de enxergar a realidade: fatos são evidências; são evidências, inerentemente

convincentes da existência de Deus.[\[39\]](#)

Deve estar claro, agora, qual o tipo de Deus em quem eu creio. É Deus, o todo-condicionador.[\[40\]](#) O Deus que criou todas as coisas, que, pela sua providência, condicionou minha infância fazendo-me crer nele, e que, mais tarde em minha vida, pela sua graça, ainda faz que eu continue crente. O Deus que, também, controlou sua mocidade, mesmo que, aparentemente, ainda não tenha lhe dado sua graça para crer nele.

Talvez você responda: “Então, de que adianta arguir e argumentar comigo?”. Bem, há muitas razões. Veja isto: se você é, realmente, uma criatura de Deus, poderá ter acesso a ele a qualquer hora. Mesmo quando estava no túmulo, Lázaro ainda teve acesso a Cristo que o chamou de volta à vida. É disso que os pregadores dependem. O filho pródigo pensou ter escapado à influência do pai. Na realidade, o pai tinha controle sobre o “país distante” para o qual o filho havia ido. Assim é, também, neste arrazoado. Um verdadeiro arrazoado sobre Deus há de colocá-lo no único lugar que confere significado a qualquer tipo de argumento humano.[\[41\]](#) E, aqui, temos o direito de esperar que essas razões sejam usadas por Deus para quebrar a autonomia humana.

Gostaria muito de renovar nossa conversa a qualquer tempo, mas, como agora, talvez, tenha sido eu que furei sua bolha de sabão, é provável que você não queira mais conversar. Ou talvez, pode ser que queira. Isso depende da vontade do Pai.

No fundo do coração, você sabe muito bem que tudo

o que lhe falei é a verdade.[\[42\]](#) Sabe que não há unidade em sua vida e que você não quer um Deus que supra essa unidade necessária segundo o conselho de sua vontade. “Esse Deus”, você diz, “não daria espaço para o surgimento de qualquer coisa nova”. Assim, você acaba provendo sua unidade que, por definição, deverá não anular a possibilidade de novidade. Uma novidade que se poste acima de toda novidade, sem jamais tocá-la. Nesse caso, sua lógica fala de possibilidades e de impossibilidades, mas todo seu trabalho ainda fica no ar. Pelos seus padrões, isso nada tem que ver com a realidade. Sua lógica proclama lidar com material eterno e imutável, que seus fatos são coisas em transformação e que essas declarações paralelas jamais se encontrarão. Daí se conclui que sua experiência se tornou sem sentido.[\[43\]](#) Como o filho pródigo, você descobriu que está comendo bolotas de porcos. Pode ser que reaja como ele, mas também pode ser que, diferentemente dele, se recuse a retornar à casa paterna.

Em minha crença, pelo contrário, tenho uma unidade de experiência. Não é, claro, o tipo de unidade que você deseja.[\[44\]](#) Não é a unidade resultante de sua determinação autônoma quanto ao que é possível. É, antes, uma unidade maior e prioritária. Com base no conselho de Deus, posso buscar e encontrar os fatos sem destruí-los. Com base no conselho de Deus posso ser um bom físico, um bom biólogo, um bom psicólogo ou um bom filósofo. Em todas essas áreas uso minhas capacidades de organização lógica para observar a ordem no universo de Deus permitida ao homem ver. As unidades ou sistemas que construo são verdadeiros porque,

de modo genuíno, apontam para a unidade básica original encontrada no conselho de Deus.

Quanto a mim, vejo ordem e desordem em todas as dimensões da vida.[\[45\]](#) Considero ambas, no entanto, à luz do grande Ordenador que está por trás delas.[\[46\]](#) Não preciso negar nenhuma delas a favor do otimismo ou a favor do pessimismo.

Vejo os homens fortes da psicologia pesquisarem mais e mais fundo no subconsciente da criança e do animal, a fim de provar que as doutrinas da criação e da providência não são verdadeiras no que diz respeito à alma humana, só para, então, vê-los voltar e admitir que o abismo entre a inteligência humana e a animal é maior que nunca. Vejo os homens fortes da metodologia científica e da lógica irem fundo nas pesquisas do transcendental buscando uma validade que não seja consumida pela sempre mutável maré do totalmente novo, só para, então, ouvi-los dizer que não puderam achar a ponte que liga a lógica à realidade, e a realidade à lógica. E nisso, vejo-os, ainda que imensos em suas mentes, relatando mais do que é verdade.[\[47\]](#) Só preciso virar seus relatos de ponta-cabeça, tornando Deus o centro em vez de o homem, e tenho uma maravilhosa apresentação dos fatos como Deus quer que os veja.

Se minha unidade[\[48\]](#) é suficientemente abrangente para incluir os esforços de quem a rejeita, ela é, também, bastante larga para incluir até mesmo o que nós, que fomos feitos justos por meio da regeneração, não podemos ver. Minha unidade é a que tem a criança quando caminha com o

pai pela floresta. Uma criança não teme, porque ela está certa de que seu pai sabe tudo e será capaz de manejar qualquer situação.

Assim, concordo, prontamente, que haja “dificuldades” quanto à crença em Deus e em sua revelação na natureza e na Escritura, às quais não posso resolver. De fato, há um mistério em cada relação feita com respeito aos fatos que estão diante de mim; e a razão disso é que todos os fatos têm explicação final em Deus, cujos pensamentos são mais altos que os meus pensamentos e cujos caminhos são mais altos que os meus caminhos.

É exatamente desse tipo de Deus que eu preciso. Sem esse Deus, sem o Deus da Bíblia, o Deus de autoridade, o Deus autocontido e, portanto, incompreensível aos homens, não haveria razão para mais nada.[\[49\]](#) Nenhum ser humano pode explicar tudo, no sentido de ver através de todas as coisas, mas aquele que crê em Deus tem o direito de afirmar que existe uma explicação final.[\[50\]](#)

Vê? Quando eu era pequeno, fui condicionado por todos os lados; não poderia evitar a crença em Deus. Agora que sou mais velho, ainda não o posso evitar. Creio em Deus agora porque, a menos que eu o tenha como o todo-condicionador, a vida será um caos.[\[51\]](#)

De maneira alguma terei “convertido” você com os meus argumentos. Sei que, com a ajuda de biólogos, psicólogos, logicistas e críticos da Bíblia, você poderá, para sua satisfação, reduzir o que tenho dito a meras lucubrações de um autoritário irremediável. Contudo, creio que estes

argumentos sejam sólidos. Não digo, apenas, que minha crença em Deus seja tão razoável quanto outras crenças; não é nenhum pouco menos ou mais provável do que a descrença. O que digo, sim, é que, a menos que você creia em Deus, não poderá crer, de maneira lógica, em mais nada. Bem, meus meandros têm sido, sem dúvida, circulares. Têm feito tudo para girar em trono de Deus. Assim, deixo-o nas mãos desse Deus e em sua misericórdia.[\[52\]](#)

Van Til, o evangelista

K. Scott Oliphint

De modo diferente de alguns leitores desta revista,[\[53\]](#) não tive a oportunidade de ter Cornelius Van Til como professor. Fui “apresentado” a ele veio por meio de seus muitos escritos. Mergulhei neles, vendo, pela primeira vez em minha vida cristã, um homem cujo método (baseado na teologia Reformada) foi capaz de dizimar todas as pretensões e permutações de incredulidade, incluindo-se as residentes no meu coração.

Quando resolvi, como resultado de ler Van Til, estudar no *Westminster Theological Seminary* em Filadélfia (EUA), tive a oportunidade de passar um tempo com ele. Uma das vantagens desse tempo foi a possibilidade de acompanhá-lo em sua “caminhada diária”. Após quase trinta anos, duas coisas nessas caminhas ainda me chamam a atenção: 1) Mesmo octogenário, Van Til podia manter um ritmo rigoroso. Mais importante, 2) lembro-me de que todos os vizinhos de Van Til, a quem fui apresentado por ele, disseram-me quase a mesma coisa: “Suponho que ele esteja falando para você também sobre esse Jesus”.

O que ficou claro para mim nesse tempo tornou-se

ainda mais claro daí em diante. Eu já lera em seus escritos, mas agora também vira em ação. O ponto central do ensino e ministério de Van Til é este: *para Van Til, não pode haver separação entre a defesa da fé cristã e a pregação do Evangelho*. Por mais óbvio que isso possa soar para nós hoje, não deveríamos ignorar o fato de que isso é óbvio apenas pelo profundo e abrangente impacto do pensamento de Van Til no meio reformado. Talvez um par de lembretes servirá para ressaltar o ponto central.

Em primeiro lugar, todo estudante de Van Til perceberá de imediato a influência de suas raízes reformadas holandesas (de Abraham Kuyper e Herman Bavinck em particular), e a formação em Princeton (de Machen, e a influência inicial de Warfield). Pode-se argumentar com facilidade que entender de maneira apropriada como Van Til incorporou o melhor de Kuyper e Warfield significa entender o escopo do projeto de Van Til. Mas o entendimento adequado da incorporação desses dois gigantes reformados por parte de Van Til requer, também, o entendimento dos pontos de seu distanciamento deles.

Para Kuyper, a disciplina da apologética é um empreendimento relativamente inútil. Como Warfield indica, a taxonomia teológica de Kuyper relegou a apologética a “uma subdivisão de uma subdivisão”.[\[54\]](#) Em sua obra corne, de três volumes, *Encyclopædie der Heilige Godgeleerdheid* [*Enciclopédia da sagrada teologia*], a discussão da apologética ocupa cerca de dez páginas do terceiro volume. [\[55\]](#) A razão desse “entendimento equivocado da apologética”

(como Warfield a chama) em Kuyper deve-se, como Van Til deixa claro, à compreensão errada de Kuyper a respeito da antítese. A antítese, desenvolvida por Kuyper, é incapaz de levar em conta a noção do *sensus divinitatis* (o conhecimento de Deus existente em todos os seres humanos), conceito que alcançou o ponto máximo em Calvino (seguindo Paulo em Rm 1.18ss). Portanto, ela assume a conotação de um tipo de antítese *metafísica*, em que os “dois *tipos* de homens”, mencionados por Kuyper, não têm, de forma real e verdadeira, nada em comum (em sentido religioso).

Para ser justo com Kuyper, não se deve ignorar o ponto histórico, pois no tempo de Kuyper inexistia uma abordagem coerente e reformada da disciplina de apologética. Devido à influência do iluminismo, em que a razão foi colocada contra todos os chamados de submissão à revelação divina, as abordagens apologéticas fundamentadas em alguma noção de raciocínio neutro mostraram-se completamente inaptas, incapazes de lidar com o ataque prevalecente da incredulidade.[\[56\]](#) Para Kuyper, então, era o *principium* da revelação, não da razão, o único capaz de resgatar os homens da tolice da suposta autonomia. Visto que a revelação era o *principium* reconhecido da igreja, não parecia haver terreno comum entre o regenerado e o não regenerado, de acordo com Kuyper.

Warfield viu de modo correto a fraqueza na abordagem apologética de Kuyper. Ele percebeu que essa abordagem relegaria a questão das alegações à verdade do cristianismo a um apêndice, na melhor das hipóteses. Falando

de outras disciplinas teológicas (como teologia sistemática, história da igreja e exegese bíblica), Warfield diz: “Só quando todo o seu trabalho tiver sido realizado, elas pausam para limpar as sobancelhas suadas e perguntar se estiveram lidando com realidades, ou talvez apenas com fantasias”.[\[57\]](#) De acordo com Warfield, a “questão da verdade” na interpretação de Kuyper era apenas o que havia de preeminente em uma enciclopédia teológica.[\[58\]](#)

O gênio de Van Til era tal que, devido à sólida formação na teologia reformada, ele foi capaz de abordar a fraqueza na visão de Kuyper sobre a antítese por meio de um destaque das forças do pensamento reformado. Van Til procurou deixar claro que a natureza radical da antítese, que Kuyper preocupava-se em enfatizar, pressupunha a universalidade incorporada no fato de que somos criaturas factuais de Deus.[\[59\]](#) Essa universalidade é a imagem de Deus. Em outras palavras, o fato de que todos os homens estão em Adão ou em Cristo tem ponto de referência final no fato anterior de que todos os homens estão factualmente relacionados ao Deus que os criou e a quem, em última análise, eles referem.[\[60\]](#) E esse fato objetivo do relacionamento universal com Deus — caracterizado por ira (em Adão) ou graça (em Cristo) — tem fundamento subjetivo no fato de que Deus nunca ficou, e jamais ficará, sem testemunho. De modo mais específico, apenas *pelo fato* de sermos todos criaturas factuais, inevitavelmente e por toda a eternidade, *conhecemos esse Deus factual* que nos criou, e a quem devemos fidelidade (Rm 1.18,19,32).[\[61\]](#)

Isso nos leva ao segundo lembrete. Seu profundo conhecimento da teologia reformada é o aspecto distintivo da abordagem apologética de Van Til, e instrumental em lhe dar discernimento crítico sobre todas as formas do pensamento não cristão. Isto também pode parecer óbvio, mas a ênfase e as implicações deste ponto nem sempre foram devidamente compreendidas.

Sua insistência na necessidade de iniciar a apologética, como a teologia (de fato, tudo da vida), com a Trindade ontológica talvez seja o ponto apologético mais radical da afirmação de Van Til, em especial dada a história da apologética anterior a ele. Van Til o coloca da seguinte forma:

De acordo com o princípio do protestantismo, a consciência que o homem tem de si mesmo e de objetos pressupõe sua inteligibilidade da consciência de Deus. Ao afirmarmos isso não estamos pensando em prioridades psicológicas e temporais. Estamos pensando apenas em qual é o ponto final de referência na interpretação. O princípio protestante encontra este ponto na Trindade ontológica autocontida. Por seu conselho, o Deus trino controla o que quer que venha a ocorrer. Se, então, a consciência humana deve sempre ser o ponto de contato próximo, é verdadeiro que Deus é sempre o ponto de referência mais básico e, portanto, o ponto de referência último ou final na interpretação humana.

Em última análise, essa é a questão referente às pressuposições finais de cada pessoa. Quando se tornou pecador, o homem trocou seu ponto de referência último de Deus para si mesmo. E é precisamente essa pressuposição que, controlando todas as formas de filosofia não cristã, sem exceção, deve ser questionada. Se essa pressuposição é deixada sem questionamento em qualquer área, todos os fatos e argumentos apresentados ao incrédulo serão transformados por ele de acordo com seu padrão próprio. O homem pecador fixou aos seus olhos óculos coloridos que ele não pode remover. Tudo é amarelo aos olhos ictéricos. Não pode haver raciocínio inteligível a não se que aqueles que estejam debatendo entendam o que querem dizer, de acordo com suas palavras.

Ao não desafiar essa pressuposição básica, que considera o homem como ponto de referência último na predicação, o homem natural pode aceitar as “provas teístas” como totalmente válidas. Ele pode e tem construído provas. Mas o deus cuja existência ele prova a si mesmo dessa forma, é sempre um deus diferente da Trindade ontológica autocontida revelada nas Escrituras.

Para colocar a questão de forma simples, Van Til argumenta que se deve “começar” a apologética pela Trindade ontológica.[\[63\]](#) Compare isso com o conceito apologético apresentada por Tomás de Aquino. Para este e seus seguidores “afirmamos duas ordens de verdades sobre Deus”. Existem as verdades que podem ser provadas pela razão natural sem a ajuda da revelação, “como, por exemplo, Deus existir, ser uno, e outras semelhantes”.[\[64\]](#)

Em outras palavras, para Tomás e a apologética tomista, deve-se provar a *existência* de Deus, que talvez ele seja *um*, e outras questões semelhantes. O que deveria ser muito óbvio e chocante para qualquer defensor da abordagem reformada da teologia é que esta abordagem apologética [tomista], por definição, evita qualquer ideia de que a revelação divina em geral, e das Escrituras em particular, seja o *principium* a partir do qual se deva arrazoar e argumentar.[\[65\]](#)

E agora podemos começar a ver como e por que, para Van Til, a metodologia apologética está intrinsecamente ligada à pregação do Evangelho. Dado o que dissemos acima, os seguintes pontos podem ser vistos convergir:

1. Deus é verdadeiramente conhecido apenas como ele se revelou. Por essa razão, não iremos só tentar mostrar que Deus existe, ou que ele é um. Qualquer tentativa dessa natureza procura limitar o conhecimento de Deus ao que se pode compreender somente pela razão. Mas

não é da competência da responsabilidade humana diante de Deus evocar uma noção dele racionalmente palatável. Nossa responsabilidade, em vez disso, é a submissão ao que ele disse, especial e primariamente ao que ele nos disse sobre ele mesmo.

2. A criação é o que Deus diz ser. Com respeito à antítese, portanto, não é o caso, como Kuyper argumentou, que não há uma forma (de caráter apologético) de alcançar os não regenerados. De forma objetiva, todos nós temos, e somos responsáveis para com, o mesmo Deus trino. De modo subjetivo, é o *sensus divinitatis* que fornece a “ponte” entre os que estão em Adão e os em Cristo. Ao que, então, apelamos em nossa defesa do cristianismo? Apelamos ao que Deus mesmo forneceu a todos os homens, i.e., ao conhecimento de Deus que nos torna inescusáveis diante dele.

Se enxergarmos a conexão desses dois pontos cruciais na abordagem de Van Til, começaremos a ver que a pregação do Evangelho em si deve inevitavelmente ser o *telos* (objeto ou propósito último) da abordagem. Dado que devemos começar a discussão com o que Deus disse sobre si mesmo, começamos com o Deus trino da Escritura. Isso é simplesmente dizer que não pedimos a alguém fora de Cristo

para usar o melhor de suas capacidades racionais para caminhar conosco *em direção* ao teísmo. Antes, apelamos ao teísmo verdadeiro, o *único* teísmo verdadeiro, já embutido em sua alma. Visto que já conhecem a Deus, e que esse conhecimento, se suprimido, trará condenação certa, “conectamos” esse conhecimento ao conteúdo da apologética para que o incrédulo, pelo Espírito Santo, possa passar da supressão para a submissão.

E qual é o conteúdo da nossa apologética que sem falta se “conectará” com o incrédulo? Em suma, é o próprio Evangelho. É que esse Deus conhecido (embora não reconhecido) ordenou o arrependimento, e o arrependimento só pode vir quando alguém se prostra aos pés da cruz, reconhecendo que apenas Deus pode nos resgatar do pântano servil que é a nossa pecaminosidade profunda e sombria.

Em outras palavras, começar pela Trindade ontológica significa começar com a revelação bíblica. E começar pela revelação bíblica é recusar-se a pinçar e escolher certos aspectos genéricos da revelação que possam ser adequados à mente incrédula. Antes, é começar com “todo o conselho de Deus”. A teologia reformada demanda a apologética reformada. Já qualquer apologética não reformada tem, em sua raiz, a teologia não reformada.

Estas são a profundidade, a riqueza e a beleza da abordagem apologética reformada de Van Til. No último ensaio do *Festschrift* em honra a Van Til, *Jerusalem and Athens*, Fred Howe criticou Van Til por não deixar clara a distinção entre a abordagem apologética e o evangelismo. A

resposta de Van Til a Howe é digna de citação na íntegra:

Caro dr. Howe:

O senhor está correto em dizer que não fiz, na discussão entre os srs. White, Grey e Black, a distinção nítida entre testemunhar e defender a fé cristã. Não estou convencido, pela evidência da Escritura, que o senhor cite a exigência ou a justificação de qualquer distinção nítida entre elas. Minha defesa da verdade do cristianismo é, penso, sempre, ao mesmo tempo, o testemunho de Cristo como o Caminho, a Verdade e a Vida. Nós realmente não testemunhamos a respeito de Cristo de forma adequada a menos que apresentemos a importância de sua pessoa e obra para todos os homens e por todos os aspectos de sua cultura. Mas se testemunhamos deles dessa forma, então os homens estão obrigados a responder com fé ou incredulidade. Caso respondam em incredulidade, eles o farão apresentando como verdade algum “sistema de realidade” baseado na pressuposição da autonomia do homem. Devo então implorar-lhes que aceitem Cristo como Salvador do pecado da autonomia, e com isso, ao mesmo tempo, descobrir que a eles foi dado, em Cristo, o único fundamento d predicação inteligente.

— C. V. T.[\[66\]](#)

Em um comentário lateral sobre a entrevista de Van Til na revista *Christianity Today* [Cristianismo hoje], Grady Spires observou: “A tarefa de Van Til era tornar desprezadores e defensores da fé ‘epistemologicamente autoconscientes’. Para ele, *a jornada da apologética filosófica para o evangelismo consistia em mero ajuste no estilo, não no conteúdo básico*”.[\[67\]](#)

“M mero ajuste no estilo, não no conteúdo básico.” Por esta razão, parece mais correto pensar na abordagem apologética de Van Til como “evangelismo premeditado”. É uma abordagem do Evangelho que carrega consigo uma reflexão orientada pela Bíblia, cogitando as verdades da Escritura e suas implicações para os que estão fora de Cristo.

Mas não é essa “premeditação” que o ministro do Evangelho faz a cada Dia do Senhor, ao trazer a verdade da Escritura para alimentar o povo do Senhor? Sem dúvida.[\[68\]](#) Embora a ênfase possa ser diferente quando nos preparamos para falar aos que estão em Cristo, o fato permanece que em todo momento que buscamos aplicar a verdade da Escritura à vida das pessoas, estamos envolvidos em instar com elas as reivindicações de Cristo.

Com correção Edmund Clowney chamou a atenção para esse aspecto radical da abordagem de Van Til:

Van Til, então, não é apenas um filósofo com o coração voltado para a pregação. De fato, ele não é só um teólogo com o coração voltado para a pregação. Ele é um professor, preocupado em começar onde o pregador começa, com a autoridade da própria revelação de Deus, e fazer o que o pregador faz: confrontar a incredulidade e nutrir a fé com o “assim diz o Senhor”. Em todos os seus labores apologéticos, ele continuamente está com o apóstolo no Areópago, não debatendo a probabilidade da existência de Deus, mas proclamando o Deus Criador que mantém todos os homens responsáveis diante do juízo do Cristo ressurreto.[\[69\]](#)

Nenhum outro método apologético permite tal aplicação profunda e penetrante da Palavra de Deus. Nenhuma outra modalidade apologética incorpora “o poder de Deus para salvação” na urdidura e trama de seu método. Nenhuma outra apologética se move sem problemas das objeções filosóficas à fé cristã ao chamado à fé em Cristo. Portanto, permitam-me ousar bastante: nenhum outro método apologético é digno da dedicação de tempo ou esforço. Toda abordagem apologética incapaz de comportar a autoridade da revelação de Deus é apenas vaidade, e correr atrás do vento.

Deixem-me contar a última anedota. Tempos atrás encontrei um homem que, como estudante de Westminster na década de 1950, tinha recebido a tarefa de levar Van Til à Universidade Johns Hopkins a fim de falar a um grupo de filósofos. O homem me contou que, por causa de um engarrafamento, eles chegaram à reunião com pouco tempo para Van Til proferir seu discurso. Percebendo que seu tempo era curto, foi-me dito, que Van Til usou o pouco tempo de que dispunha, pôs de lado o discurso, e pregou sobre Jonas. Ele não decidiu fazer “algo mais” no discurso dirigido a esses filósofos; em vez disso, ele partiu direto para a conclusão.

Muitos viram a figura de Van Til, de pé em Wall Street, na cidade de Nova York, com Bíblia na mão, pregando qualquer um que parasse e ouvisse. À quem não o pode ver, ele era apenas um velho, que passado seu apogeu e a capacidade de constranger-se, procurava quem o ouvisse. Para os demais, ele fazia o que vinha fazendo por quase meio século — proclamando as reivindicações do Cristo atestado pela Escritura como o único poder capaz de romper os grilhões da incredulidade. Causa espanto o convencimento de seus vizinhos sobre o fato de que qualquer pessoa que passasse um tempo com ele iria inevitavelmente ouvir essas mesmas reivindicações?

[1] Este prefácio e as notas de rodapé não constam na edição original deste livreto. Extraí e traduzi estes trechos do excelente livro *Van Til's Apologetic: Readings and Analysis* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1998), de Greg L. Bahnsen. [N. do

E.]

[2] Este panfleto foi publicado originariamente pela Orthodox Presbyterian Church's Committee on Christian Education (Tracts for Today, # 9). Posteriormente foi reimpresso como folheto promocional pelo Westminster Theological Seminary (e é atualmente distribuído pela P&R Publishing). Embora nenhuma indicação seja feita do fato, há alterações estilísticas ou exclusões suficientes na publicação feita pelo Seminário de Westminster ao ponto de podermos chamá-la de uma edição revisada.

[3] No original. [N. do E.]

[4] Em filosofia, um argumento “transcendental” é o pertencente às precondições para a inteligibilidade da experiência humana.

[5] Como o nome indica, apologética “pressuposicional” dirige o diálogo com o incrédulo para a consideração das questões dos princípios fundamentais no pensamento e comportamento.

[6] Já neste primeiro estágio Van Til indica seu argumento ao oponente hipotético e incrédulo: a experiência humana de qualquer coisa, seja o que for (neste caso, da história e civilização, seria inteligível ou sem sentido à parte da crença fundamental no Deus cristão.

[7] A necessidade “transcendental” da crença em Deus é indicada pela alegação de que mesmo argumentos contra ela já a pressupõe para a inteligibilidade do próprio argumento.

[8] Aqui Van Til sustenta que a acusação de influências do “ambiente” sobre a fé na primeira infância do cristão não é — na cosmovisão cristã — algo terrivelmente danoso, mesmo que fosse verdadeiro, pois a soberania todo-controladora de Deus é o contexto mais amplo dessas influências. Em uma reflexão posterior, o jovem crente perceberá que a soberania todo-controladora de Deus é da mesma forma o contexto necessário para a inteligibilidade de qualquer coisa que lhe ocupe o pensamento.

[9] O debate apologético deve se focar na natureza concreta de Deus de acordo com a revelação das Escrituras, em vez de tentar fazer justiça a algum conceito vago e generalizado de uma deidade que se encaixa em uma grande variedade de religiões. De fato, não existe conceito de caráter universal adequado ou aceitável e, portanto, a pretensão de que o apoloquista deseja defender essa noção é simplesmente um preconceito velado e uma arbitrariedade.

[10] O pressuposicionalismo reconhece que o ateu (e o agnóstico) tem um conceito equivalente a uma crença “razoável”, ao passo que o teísta cristão tem

outro conceito de razoabilidade. Todavia, deveria ficar claro mesmo para o ateu que se o Deus cristão existe, então é “razoável” crer nele. Dessa forma, Van Til escreve que pode não parecer razoável para o incrédulo crer em Deus, mesmo que (considerando a cosmovisão cristã) ainda seja razoável o incrédulo crer. O debate, em última análise, envolve o padrão apropriado da razoabilidade.

[11] Este ponto é crucial. Quando uma pressuposição tão significativa quanto a crença da pessoa sobre Deus muda, haverá a necessidade de mudanças monumentais em toda a estrutura de crença do indivíduo. Por causa da preguiça intelectual e dos preconceitos pessoais, o incrédulo resistirá a alterar sua crença professada sobre Deus. O apoloquista pressuposicional desejará manter o incrédulo a par desta inclinação natural contra a mudança de sua mente, em especial visto que essa mudança de crença afetará de maneira extensiva seu autoconceito. Nesse tipo de situação, em que questões pessoais estão em jogo, é inteiramente irrealista que o incrédulo finja ser neutro, em sentido psicológico, ou indiferente ao resultado do diálogo.

[12] Pelo fato de o incrédulo ter sido criado à imagem de Deus e ter um conhecimento de Deus suprimido dentro de si (embora não admitindo nada disso, é claro), ele pode “seguir o argumento” que o cristão lhe apresenta. Contudo, se o incrédulo argumentasse de maneira plena e coerente em termos de suas pressuposições esposadas, ele não poderia entender as alegações e os argumentos do cristão — de fato, ele não entenderia nada. A fim de demonstrar essa verdade ao incrédulo, o pressuposicionalista está disposto a “pensar sobre as coisas” em termos do que o incrédulo alega serem suas suposições básicas, e então, para efeito de comparação, ele convida o incrédulo a “pensar sobre as coisas” em termos das suposições básicas do cristão.

[13] Revista bimensal de psicologia publicada nos EUA desde 1967. Seus artigos são escritos em linguagem simples e visam ao público em geral. [N. do R.]

[14] Revista feminina dos EUA lançada no século XIX (1883). [N. do R.]

[15] O leitor pode observar como a apologética pressuposicional tentará (e não seja tímido) colocar o argumento sobre Deus e a Bíblia em um contexto mais amplo e pessoal. Questões de testemunho não podem tomar o lugar do raciocínio e argumento, mas elas fortalecem o efeito persuasivo do argumento — em especial se esse argumento tem como objetivo apresentar Deus como o contexto condicionador para a inteligibilidade de tudo na vida e na experiência.

[16] Este é um distintivo da apologética pressuposicional de Van Til: a abordagem. O incrédulo não recebe a permissão de continuar com a falsa (e vã) suposição de que sua neutralidade intelectual, que, sendo verdadeira, o colocaria (ele pensa) em

uma posição superior para julgar a racionalidade da fé. O incrédulo não estará preparado “para o nosso argumento”, como Van Til dirá, até que ele perceba que o conflito apologético é entre duas partes “preconceituosas” (i.e., partes com influências e experiências pessoais, mas em especial com seus respectivos comprometimentos filosóficos).

[17] Considerando o ensino da Bíblia sobre Deus, o homem e a salvação, espera-se que o crente use a revelação de Deus como padrão e guia básico para interpretar cada aspecto da experiência humana. O cristianismo não é “adicionado” ao estudo independente da vida humana ou do mundo; antes, é o “ponto de referência” para entender tudo sobre a vida humana e o mundo.

[18] O que precisa ser sublinhado aqui são as “alegações prodigiosas” feitas pelo tipo particular de Deus relevado na natureza e na Escritura. Nem toda concepção de Deus promovida por homens em debates religiosos exclui a possibilidade de neutralidade, mas o tipo de Deus que criou e controla todas as coisas com o efeito de fazer a si mesmo inescapavelmente conhecido ao homem como criatura racional é ou não claramente revelado em todas as coisas. Dizer que ele não é (neste caso a mentalidade neutra é apropriada para buscar evidência a favor ou contra Deus) já significa afirmar que a concepção cristã de Deus, encontrada na Bíblia, é falsa.

[19] O “Lincoln Memorial” é um monumento erigido em homenagem ao ex-presidente dos EUA Abraham Lincoln. O “4 de Julho” é o Dia da Independência dessa nação, ocorrido em 1776. “Old Glory” é o apelido dado à bandeira nacional dos EUA no início do séc. XIX por um capitão da marinha chamado William Driver. [N. do R.]

[20] A apologética pressuposicional mantém que a perspectiva do incrédulo não é apenas imoral (sendo infiel e rebelde contra Deus), mas também intelectualmente indefensável (anticientífica ou irracional). Algumas vezes as pessoas sem muita intimidade com esta abordagem da defesa da fé reduzem de modo equivocado o desafio pressuposicional ao primeiro tipo de observação.

[21] Eis um bom exemplo da influência determinativa das pressuposições de uma pessoa nas suas inferências. O crente e o incrédulo reconhecem que nem todos os homens alegam crer no Deus cristão. Desse fato, o não cristão infere que nem todos os homens creem, ao passo que do mesmo fato o cristão infere que essa crença é suprimida e racionalizada por quem professa o ateísmo. Tudo depende dos termos da cosmovisão para reconhecer e interpretar os fatos. Certa vez ensinei em um seminário sobre uma polêmica filosófica bem conhecida contra a existência de Deus: *Atheism: A Philosophical Justification* (Philadelphia: Temple University Press, 1990), de Michael Martin. A primeira sentença do livro (na introdução)

declara: “A não crença na existência de Deus é um fenômeno mundial”. Para a surpresa dos estudantes, eu parei para observar que com essa declaração o autor já tinha cometido uma petição de princípio com uma questão crucial — na primeiríssima expressão sobre o assunto. Dada a concepção cristã de Deus, não existe ateu genuíno.

[22] Por causa das pressuposições fundamentais conflitantes, o crente e o incrédulo em princípio não concordam nem mesmo sobre o que é “normal” no raciocínio e na experiência humana.

[23] Escondido de forma sutil nesse aparentemente relato autobiográfico está o ponto filosófico principal que Van Til explorará adiante: quando a educação e o raciocínio acontecem no contexto da cosmovisão cristã, inexistem problemas em explicar a universalidade e necessidade das leis da matemática *etc.*

[24] O apologista cristão não deve ser um obscurantista que não ouve às objeções e argumentos dos opositores do cristianismo, descartando-as com uma alegação improvisada de que os incrédulos têm pressuposições próprias e podem, portanto, ser ignorados. Os críticos do pressuposicionalismo que sugerem a adoção dessa atitude não poderiam estar mais longe da verdade. Os incrédulos que retratam os cristãos como “apenas conhecendo um lado da história” estão da mesma forma equivocados em suas generalizações. Na maioria das vezes, o oposto é geralmente o caso. Os incrédulos que estudam em instituições não confessionais sequer dão atenção detida (ou avaliam) aos argumentos dos estudiosos cristãos.

[25] Ao comparar as cosmovisões cristã e não cristã, o apologista deve deixar “a questão básica” muito clara: qual é a natureza do Deus cuja existência e revelação o cristão defende? Esse tipo de Deus é a precondição necessária para o sentido de crer em qualquer coisa — para crer que ele existe, bem como para crer que ele não existe! A crença não tem sentido sem Deus como sua pressuposição. Este é o argumento ao qual Van Til retornará mais tarde.

[26] Van Til endossa de modo explícito o trabalho detalhado em “evidências” aqui, apontando com aprovação ao incrédulo que cristãos que tenham feito pesquisas históricas e científicas avançadas que podem lidar de maneira adequada com as críticas “factuais” trazidas contra o cristianismo. Todavia, como ele continua a dizer, a questão “subjacente” que controla os debates sobre assuntos factuais não pode ser ignorada pelo apologista. A questão mais profunda diz respeito às pressuposições ou cosmovisão da pessoa.

[27] Uma vez mais Van Til explica o porquê o incrédulo não pode ter credibilidade ao alegar ser intelectual e psicologicamente neutro em suas opiniões e em seu raciocínio sobre Deus. Mesmo o incrédulo deveria ser capaz de seguir isso,

“apenas para efeito de argumentação”. Exigir um autoexame levaria o incrédulo a questionar sua própria confiabilidade e “objetividade” quanto diz respeito a raciocinar sobre um Deus com quem, se ele existe, o incrédulo não está de forma alguma “em condições de falar”.

[28] Van Til alude aqui aos esforços apoloéticos tradicionais da teologia natural e da apologética evidencialista, que falham em lançar um desafio transcendental à própria inteligibilidade da tentativa do incrédulo de usar a ciência, lógica, moralidade etc., contra a fé. Esse desafio tem por base uma alegação “muito grande” e insulta o intelecto do incrédulo. Mas Van Til observa que a falha em fazer essa alegação honesta diminui o conceito de Deus do crente, e é uma ofensa ao Senhor.

[29] Lembre-se aqui das palavras de Van Til: “Antiteísmo pressupõe teísmo”.

[30] Na mitologia grega, Procusto (também conhecido como Procoptas ou Damastes) é filho de Poseidon, residente em uma fortaleza no monte Coridalos, em Eleusis. [N. do R.]

[31] O pressuposiconalista quer que o incrédulo perceba que não ter sido crítico o suficiente em sua mentalidade e abordagem. Ele nunca examinou com honestidade a suficiência filosófica de sua pretensa autonomia. Pelo fato de tanto outros “estudiosos” ao redor dele tomarem sua autonomia como certa, com ingenuidade irrefletida, e por ser a coisa “respeitável” a fazer nas instituições e mídia secular, o incrédulo se confortará que “todo o mundo está fazendo isso” — e nesse caso a pergunta da adequação intelectual do homem para interpretar o mundo por conta própria dificilmente precisa ser levantada. Em qualquer outro cenário, o incrédulo reconheceria essa linha de pensamento como falaciosa, preconceituosa e até mesmo perigosamente arrogante. Mas aqui ele se permite ceder ao que ele condenaria em outro lugar.

[32] Em termos da própria forma de pensamento, o filósofo incrédulo simplesmente assinala que, se as premissas da prova teísta referem-se ao reino da experiência natural, então seria injustificado e falacioso traçar conclusões sobre um reino totalmente diferente, que vai além da experiência natural (o sobrenatural).

[33] “Aviões”, no original, “Stukas” (do alemão *Sturzkampfflugzeug*), bombardeiros de mergulho usados pela força aérea alemã na Segunda Guerra Mundial. [N. do R.]

[34] Provas de Deus e evidências a favor do cristianismo sempre podem ser combatidas pelas pressuposições e cosmovisão do incrédulo. Esse é o motivo de a abordagem da apologética pressuposicional nos ensinar como estarmos preparados

para argumentar com e refutar a filosofia subjacente que o incrédulo usa para se esquivar da força das evidências e provas.

[35] Este é o triste produto final de formas fracas do argumento apologético que compartilham a perspectiva autônoma com o incrédulo no esforço de ganhá-lo para Cristo. Visto que as pressuposições conectadas com a autonomia do homem são opostas à mensagem cristã, espera-se que argumentos apologéticos modelados por elas falharão em provar o cristianismo. No lugar de abandonar as pressuposições fatais, contudo, muitos apologistas apenas diminuem suas alegações sobre o que os argumentos podem provar. Van Til viu nessa tentativa desesperadora de ganhar a aprovação dos pensadores autônomos a transigência do comprometimento religioso do cristão.

[36] Conhecido pelas contribuições para a chamada psicologia da religião, Leuba (1867-1946) era ligado à corrente filosófica do naturalismo. [N. do R.]

[37] Muitas estratégias apologéticas promovidas hoje fazem questão de baixar o tom das exigências do Evangelho e evitar as arestas da teologia verdadeira. A mensagem cristã é tornada mais e mais parecida com o pensamento natural dos homens, de forma que os homens naturais não resistirão muito. Antes, Van Til ensinou que a cosmovisão cristã deve ser vista e apresentada como a antítese do pensamento e da vida do incrédulo. Isso significa que o apologista deve esperar que sua posição pareça estranha, exigente e irracional para o incrédulo; a mensagem, se fielmente retratada, não pode fazer nada senão “ofender” o orgulho e autossuficiência do incrédulo. (Isso não significa, sem dúvida, que o comportamento ou estilo do apologista deva ser ofensivo em nível pessoal.)

[38] Van Til lembra com constância os incrédulos de que eles não são de forma alguma religiosamente neutros, como pensam acerca de si mesmos. Contudo, o “preconceito” do incrédulo para toda a experiência é tão difuso que ele nunca vê algo suficientemente diferente para reconhecer que está na verdade prejudgando tudo sobre os fatos e raciocínios.

[39] A cosmovisão que o cristão coloca diante do incrédulo não pode ser reduzida (em algo como uma forma deísta) aos aspectos que possibilitam o entendimento de uma experiência natural. Por causa do pecado do homem e da supressão da revelação de Deus (necessária para tornar a experiência inteligível), deve haver na cosmovisão adequada certa provisão para sua salvação da culpa e poluição. As características redentoras da cosmovisão cristã são dessa forma — na situação atual caída do homem — não só um apêndice à necessidade racional, científica e moral da perspectiva cristã, mas seu próprio cerne. O homem precisa ser “salvo”, de acordo com Van Til, para fazer uso inteligível da razão.

[40] É vital para a apologética pressuposicional continuar apontando a figura maior em termos do progresso do desafio cristão. Não é apenas um “deus” abstrato, destituído de conteúdo, com quem o incrédulo deve contender. Considerando o tipo de Deus por quem o cristão contende, é perfeitamente racional que esse Deus fale com autoridade última e inquestionável, que controle de modo soberano todas as coisas (incluindo as respostas à sua revelação), e que o incrédulo não pode escapar racionalmente dele.

[41] Esse é o cerne do argumento transcendental de Van Til para a existência de Deus. Toda argumentação envolve pressuposições, mas somente a pressuposição do Deus cristão confere significado a qualquer tipo de argumento. Nesse caso, o “argumento” do incrédulo contra Deus ou o Evangelho, se é que possa fazer sentido de alguma forma, já está em cima da crença na existência de Deus. A argumentação racional já assume a posição cristã como verdadeira, mesmo quando os incrédulos argumentam contra essa verdade.

[42] A apologética pressuposicional não hesita em apontar para o reconhecimento interno no incrédulo quanto à verdade das alegações cristãs, embora o incrédulo possa não estar disposto a admitir essa convicção. Ele, afinal, suprime a verdade pela injustiça. Em particular neste ponto, Van Til pressiona sobre o incrédulo de que ele está bem consciente de que suas pressuposições não fornecem a base inteligível para unidade em sua experiência (conexões causais ente eventos, continuidade conceitual, necessidade lógica, absolutos morais etc.). Por outro lado, o incrédulo sabe que sua rejeição da perspectiva cristã é uma questão de escolha e desejo pessoal (ele não “quer” o Deus que possa fornecer a ordem que ele precisa), não de necessidade intelectual. O apologeta deveria continuar a apelar à consciência interna do incrédulo sobre essas verdades (bem como demonstrar que o seu raciocínio e comportamento denunciam essa conscientização).

[43] Deve-se observar que isso é uma crítica interna da cosmovisão do incrédulo, feita dentro do contexto de suas suposições e objetivos — e não uma crítica externa da posição do incrédulo simplesmente por discordar com a posição cristã. Van Til aponta que o incrédulo tem, em termos de pressuposições próprias, tornado sua experiência “sem sentido”. Ao recusar pensar em termos da verdade revelada por Deus, ele mina os próprios esforços racionais. Ele é refutado a partir de sua própria filosofia de vida.

[44] A tentativa do crente de organizar e interpretar sua experiência é bem sucedida quando ele reflete a ordem original da mente de Deus, pela qual todas as coisas são definidas e todos os eventos operam em conjunto; ele busca “pensar os pensamentos de Deus como ele”. O incrédulo, por contraste, ou impõe as ideias

unificadoras de sua própria mente sobre a realidade externa não controlada por sua mente (subjetivismo) ou respeita a particularidade e novidade de todo fato no mundo, em cujo caso nada pode ser dito sobre ele usando conceitos unificadores ou princípios uniformes (irracionalidade). Impor um “sistema” descarta de antemão a necessidade de pesquisa científica; respeitar a individualidade e novidade da experiência destrói de antemão a inteligibilidade dos fatos.

[45] Aqueles aspectos da experiência que dão “ordem” são aqueles os caracterizados por unidade, conexões, igualdade, generalização, universalidade, falta de mudança, ou continuidade. Aqueles aspectos da experiência que demonstram “desordem” são aqueles que têm diversidade, particularidade, individualidade, novidade, singularidade, mudança, ou descontinuidade.

[46] Por contraste, todas as cosmovisões incrédulas olham para a unidade e diversidade em termos de uma desordem fundamental por detrás de todas as coisas: não existe nenhum plano, propósito ou controle soberano que ordene eventos, forneça universalidade para leis, ou coordene a mente (lógica) e seus objetos (realidade).

[47] Van Til sustenta de modo consistente que os incrédulos não irracionais, ignorantes e inúteis em seu entendimento do mundo que Deus criou. Contudo, o “ponto de referência” (suas pressuposições ou perspectiva) deles é enviesado. Eles precisam ser “(convertidos”.

[48] Por “minha unidade” Van Til quer dizer sua concepção cristã do que dá unidade à vida e raciocínio. É importante ver que a cosmovisão cristã não alega simplesmente explicar sua própria perspectiva (vendo coisas de uma forma cristã), mas ela também explica a perspectiva do não cristão (porquê ele vê as coisas da forma que alega ver). Não terminamos com uma pluralidade de “unidades” (cosmovisões que unificam a experiência) competindo umas com as outras, embora haja um número de pressuposições igualmente autosatisfatórias. Existe uma cosmovisão que verdadeiramente fornece unidade (e inclui uma explicação das alegações concorrentes dos incrédulos) e uma variedade de cosmovisões professas que reduzem à desunidade (desordem, destino, caos etc.).

[49] Dessa forma, todo o mundo deve escolher entre dois tipos de mistério no centro de seus empreendimentos racionais. O cristão aceita o que é misterioso para ele como um homem, uma revelação que transcende seu raciocínio, mas sabe que não é misterioso para seu Criador, enquanto o não cristão aceita um mistério último que é destituído de explicação ou significado.

[50] Quando o argumento apologetico começa, pode parecer que a questão tem diz respeito ao “lado” que pode oferecer uma explicação melhor de como as coisas

são. Na realidade, disse Van Til, a questão é se as cosmovisões incrédulas podem, em termos do que elas mantêm, oferecer alguma explicação genuína. Usar a lógica e o raciocínio indutivo para explicar as coisas é fútil caso não exista nenhuma explicação para a própria uniformidade da natureza (indução) ou validade universal do raciocínio (lógica).

[51] Van Til tornou a crítica do incrédulo (a saber, que o cristão simplesmente não pode fazer nada, senão acreditar) numa recomendação da cosmovisão cristã. Sem dúvida, a razão pela qual “não podemos fazer nada senão” crer não é mais, se é que foi alguma vez, devido (como pensa o incrédulo) a condições psicológicas e sociais, mas devido à soberania de Deus, que “dá ordem” a todas as coisas por seu plano e propósito controlador. Isso também poderia parecer uma base para objeção da parte do incrédulo (confundindo essa posição com fatalismo e a negação da responsabilidade humana). Em vez disso, Van Til mostra que essa cosmovisão somente — onde Deus condiciona todas as coisas — resgata a vida e o raciocínio do caos (falta de sentido). Pelo fato de Deus ordenar todos os detalhes da vida e da história, há uma base objetiva para as pessoas raciocinarem sobre causas, necessidade lógica, absolutos morais *etc.* Quando uma criança, talvez, o crente como Van Til não podia fazer nada senão crer, mas agora, como um adulto, e a partir do ponto de vista do que é necessário para raciocinar sobre tudo, o crente ainda “não pode fazer nada senão” crer.

[52] Este excelente parágrafo de fechamento apresenta pontos salientes na apologética pressuposicional de Van Til. 1) A cosmovisão cristã não é apresentada apenas como um ponto de vista que explica os fatos de forma melhor do que as outras; ela é — objetivamente falando — a única perspectiva que torna racional crer ou julgar algo. 2) Todavia, o incrédulo seguirá quantas linhas de pensamento forem necessárias para racionalizar — sua satisfação subjetiva — sua recusa em submeter-se ao Deus cristão. 3) No fim, todo o mundo deve escolher uma autoridade última e então governar seu raciocínio em termos dela (“circularidade”): o cristão olhe para Deus a fim de dar sentido às coisas (cf. 1), enquanto o não cristão olha para si mesmo (cf. 2). 4) Os apologistas devem reconhecer que a mudança subjetiva dos incrédulos, sua conversão, não pode ser alcançada pelo poder do nosso argumento somente, mas tudo depende da misericórdia soberana de Deus. 5) No final da nossa discussão com eles, os incrédulos deveriam ser deixados com um claro retrato da natureza verdadeira da nossa discordância e com um senso que devem lidar com Deus, não só com seu oponente humano. Isso é objetivamente verdadeiro, quer eles desejem ou não reconhecer isso de forma subjetiva. Se Deus é misericordioso, eles serão salvos não somente para a vida eterna, mas também em seu raciocínio.

[53] Como este é o único texto “evangelístico” de Van Til, resolvi traduzir e incluir este artigo, que apareceu na revista *Ordained Servant*, edição de outubro/2008. O autor, K. Scott Oliphint, é professor de Apologética e Teologia Sistemática no Westminster Theological Seminary, em Filadélfia (EUA). [N. do E.]

[54] Warfield afirma: se a classificação e delimitação da tarefa da apologética de Kuyper estiver correta, então o cristianismo torna-se “a grande suposição”. Benjamin B. Warfield, “Introduction to Beattie's *Apologetics*”, em *Selected Shorter Writings of Benjamin B. Warfield*, ed. John E. Meeter (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1973), 2:95.

[55] Observe, por exemplo, o lugar da apologética, de acordo com Kuyper: “A apologética deve defender o dogma, seja em seus detalhes específicos, ou nos fundamentos em que repousa, ou nas conclusões (*gevolgtrekkingen*) consequentes do dogma. Ela não é diatética, pois não *descreve* o dogma, nem tética, por não *postulas* o dogma, nem o *provar*, mas é *antitética*, pois direciona seu apelo a favor do dogma contra os ataques da pseudofilosofia ao dogma, seus fundamentos ou efeitos. Assim, seu lugar é não *antes*, mas *depois* da dogmática e ética”. Então, mais adiante, Kuyper diz: “Disto se segue que a apologética está confinada a duas tarefas. Em primeiro lugar, desqualificar a pseudoteologia a partir de suas *vitium originis*, que os homens passaram a adotar a partir do lado da filosofia e, em segundo lugar, manter os princípios inseparáveis do dogma, como de fato os únicos dogmas dignos de serem mantidos, contra os falsos princípios da filosofia rebelde” (Abraham Kuyper, *Encyclopædie Der Heilige Godgeleerdheid*, 3 vols. Amsterdam: J. A. Wormser, 1894, 3:459, 461).

[56] Para uma crítica perspicaz do fracasso da apologética na academia do século XIX, veja George Marsden, “The Collapse of American Evangelical Academia”, em *Faith and Rationality*, ed. Alvin Plantinga and Nicholas Wolterstorff (Notre Dame and London: University of Notre Dame Press, 1983).

[57] “Introduction to Beattie's *Apologetics*”, 2:96.

[58] De interesse histórico (e o motivo de todos os estudantes de mestrado no Westminster Theological Seminary, Filadélfia, serem obrigados a fazer *dois* cursos de apologética) é a avaliação de Machen sobre essa discussão. Em uma correspondência particular, Machen escreveu: “Não leve a mal que eu ainda concorde fortemente com o dr. Warfield sobre o *lugar* da apologética” (ênfase adicionada). Machen para Gerrit H. Hospers, Ontario, New York, 27 de dezembro de 1924, Machen Archives; citado de Paul Kjos Helseth, “The Apologetic

Tradition of the OPC”, *Westminster Theological Journal* 60, no. 1 1 (1998): 127.

[59] Observe o ponto de Van Til: “Quanto a mim, escolhi a posição de Kuyper. Mas sou incapaz de segui-lo quando a partir do fato do caráter mutuamente destrutivo dos dois princípios ele conclui a *inutilidade de argumentar com o homem natural*” (ênfase minha), Cornelius Van Til, *Defense of the Faith*, 4th ed. (Phillipsburg, NJ: P&R, 2008), p. 351.

[60] Assim, diz Van Til: “Pois a morte espiritual do homem natural é como a supressão do conhecimento de Deus, dado ao homem por ter ele sido criado à imagem divina. Por isso, Warfield está muito correto em declarar que o cristianismo é objetivamente defensável. E o homem natural tem a capacidade de entender intelectualmente, embora não em sentido espiritual, o desafio apresentado a ele. E nenhum desafio é apresentado a ele a menos que lhe seja mostrado que com base em seu *princípio* ele destruiria toda a verdade e todo o significado. Então, se o Espírito Santo o ilumina espiritualmente, ele nascerá de novo ‘para o conhecimento’ e adotará com amor o princípio que ele antes estava ansioso para destruir” (*Defense*, p. 352).

[61] Por essa razão, entre outras, é melhor dispensar a terminologia “pressuposicionalismo” como descrição adequada da abordagem de Van Til. O termo em si é repleto de confusões, em especial tendo em conta sua cooptação e abuso pelo pós-modernismo. Antes, a abordagem de Van Til é mais bem descrita como “pactual”.

[62] *Defense*, p. 100-1. Utilizei a tradução do Dr. Davi Charles Gomes, publicada em *Apologética Cristã* (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2010), p. 77-8. [N. do E.]

[63] “Começar” está entre aspas aqui pelo fato de Van Til não pensar que devemos começar a conversa, ou a discussão, pela afirmação da Trindade ontológica. Antes, “começar” pela pressuposição da Trindade ontológica significa reconhecer que, a menos que Deus seja quem ele diz ser, nós (todos os seres humanos) não podemos pensar ou viver de modo coerente. Não podemos, portanto, pensar NA EXISTÊNCIA DE uma área neutra em que se possa arrazoar com os incrédulos. Se “começarmos” por Deus e por quem ele diz ser, reconheceremos que o próprio incrédulo depende do Deus que ele não reconhecerá para então rejeitar, em seu pensamento e sua vida, esse mesmo Deus. Dessa forma, um resumo legal da abordagem de Van Til pode ser o seguinte: “O ateísmo pressupõe o teísmo”.

[64] *Summa Contra Gentiles*, trans. Charles J. O’Neil, 4 vols., vol. 4 (Notre Dame

and London: Notre Dame University Press, 1957), 1:63.

[65] Como exemplo de como a abordagem de Tomás de Aquino não permite o apelo direto à Escritura, veja o ensaio de William Lane Craig, “Classical Apologetics”, em Stephen B. Cowan, *Five Views on Apologetics* (Grand Rapids, Michigan: 2000), p. 25-55. No ensaio, após argumentar a favor do teísmo genérico, Craig só pode recorrer à noção do testemunho do Espírito Santo, que é em si bem independente da Palavra. Separar a Escritura da apologética é, como o ensaio ilustra, uma parte necessária dessa metodologia.

[66] E. R. Geehan, ed. *Jerusalem and Athens: Critical Discussions on the Philosophy and Apologetics of Cornelius Van Til* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1977), p. 452.

[67] David E. Kucharsky, “At the Beginning, God”, *Christianity Today* XXII, no. 6 (1977): 20, ênfase minha.

[68] Não somente isso, mas pelo fato de a apologética constituir um mandato na Escritura, *todos os cristãos* são chamados a aplicar a verdade da Escritura a qualquer aspecto de incredulidade, seja no coração, na congregação de cada um de nós ou a quem não conhece Cristo. Para uma discussão mais completa, v. K. Scott Oliphint, *A batalha pertence ao Senhor* (Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012).

[69] “Preaching the Word of the Lord: Cornelius Van Til, V.D.M.”, *Westminster Theological Journal* XLVI, no. 2 (1984): 242-3.

Table of Contents

“Deus existe?”

“Fui condicionado a crer em Deus?”

O “acidente de nascimento”

Infância

Os primeiros estudos

Mais estudos

Objeções levantadas

Van Til, o evangelista